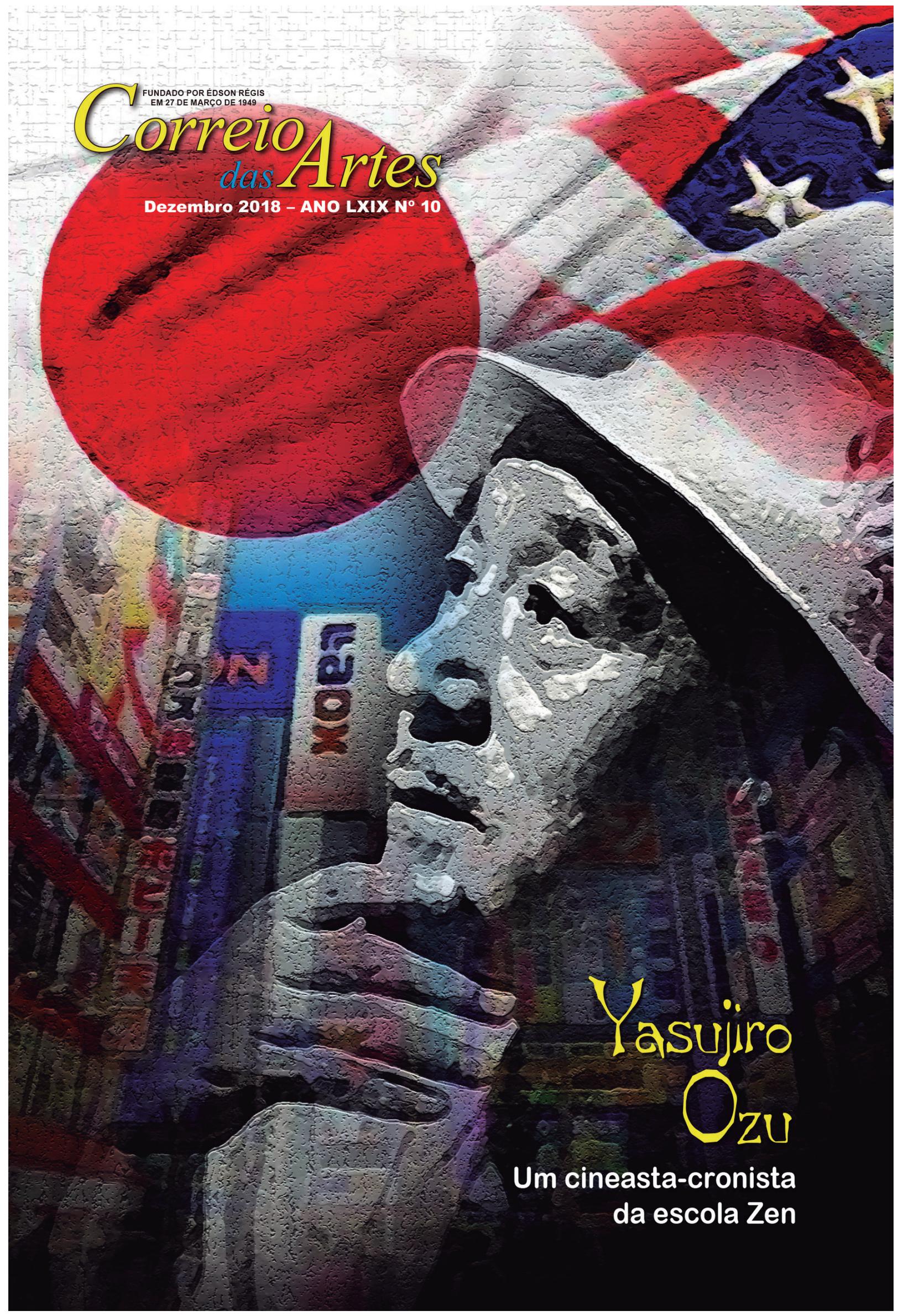


FUNDADO POR ÉDSON RÉGIS  
EM 27 DE MARÇO DE 1949

# Correio das Artes

Dezembro 2018 – ANO LXIX Nº 10



Yasujiro  
Ozu

Um cineasta-cronista  
da escola Zen



GIRA mundo

NA PARAÍBA, O ESTUDO TE LEVA MAIS LONGE.



O programa Gira Mundo modalidade estudante, visa proporcionar aos alunos matriculados na segunda série do ensino médio, no sentido de oportunizar o desenvolvimento linguístico e a interação com novas culturas e métodos de ensino, que, ao regressarem, tornar-se-ão multiplicadores do Programa Gira Mundo em suas regiões e desenvolver ações voltadas ao aprimoramento da educação no estado da Paraíba. Busca-se com o referido projeto, motivar os alunos e professores da rede pública estadual de educação na busca de melhor formação e desempenho na escola.

## Os destinos do Gira-mundo

2016

**50 estudantes** - Canadá  
**3 professores** - Canadá  
**20 professores** - Finlândia

2017

**50 estudantes** - Canadá  
**25 estudantes** - Espanha  
**25 estudantes** - Portugal  
**55 Professores** - Finlândia

### Próximo destino:

**100 estudantes** - Canadá  
**50 estudantes** - Espanha  
**25 estudantes** - Portugal  
**25 estudantes** - Argentina  
**80 professores** - Finlândia  
**20 professores** - Israel



**A UNIÃO**  
Superintendência de Imprensa e Editora

125  
Anos

## Ozu segundo Claudio

O professor e documentarista paraibano Claudio Brito vem dando uma contribuição inestimável para o desenvolvimento cultural do seu Estado e, por extensão, do Brasil, seja por meio de sua atuação em sala de aula, decodificando os segredos das ciências exatas, seja por intermédio de suas incursões pelo cinema.

Como cineasta, Claudio está concluindo o último filme de uma imprescindível tetralogia sobre a vida e a obra de Ariano Suassuna, além de constar, também, no elenco de obras cinematográficas já realizadas, valiosos documentários sobre Antônio Conselheiro – O Peregrino, e Euclides da Cunha, de *Os Sertões*.

Claudio é um leitor voraz e um cinéfilo apaixonado. Dono de uma inteligência privilegiada, além de sensível e criativo, ele guarda na memória cristalina ou registra em cadernos tudo o que lê ou vê de importante,

**O leitor irá descobrir por que a importância do cinema de Ozu não está circunscrita ao Japão. Os temas dos filmes do diretor são quase todos universais, ou seja, dizem respeito às pessoas de todos os tempos e espaços.**

utilizando esses “arquivos” como matéria-prima de seus filmes, aulas, palestras etc.

O nosso “herói de mil faces” também escreve maravilhosamente bem. Um texto claro, conciso, fundamentado, sincero, apaixonado. É o que o leitor do “Correio das

Artes” irá constatar, nesta edição, ao ler o artigo de Claudio sobre o cineasta japonês Yasujiro Ozu, autor do clássico *Era uma vez em Tóquio*, de 1953.

Lendo Claudio, o leitor irá descobrir por que a importância do cinema de Ozu não está circunscrita ao Japão. Os temas dos filmes do diretor são quase todos universais, ou seja, dizem respeito às pessoas de todos os tempos e espaços, isso sem contar com a beleza das imagens, dos planos, das interpretações etc.

Outro “achado” de Claudio, é que, no cinema, “o cronista do cotidiano Ozu poderia ser considerado o equivalente, na literatura, ao nosso Manuel Bandeira, principalmente o escritor andarilho de *Crônicas da província do Brasil*”. Claudio fez um belo documentário sobre Ozu, só que desta feita lançando mão de palavras.

O Editor

## índice



4

### CINEMA

O professor e documentarista Claudio Brito comenta vida e obra do cineasta japonês Yasujiro Ozu, de *Era uma vez em Tóquio*.



10

### ENTREVISTA

O escritor Thiago Andrade Macedo faz um balanço do primeiro ano do site CULTURA-E, cujo objetivo é promover o diálogo no campo da cultura.



13

### CORDEL

O jornalista Linaldo Guedes repercute o reconhecimento da Literatura de Cordel como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.



33

### CRÔNICA & CONTO

Vladimir Carvalho, Ercídio Nunes, Denise Emmer e Willy Nascimento Silva são os destaques das seções de crônicas e contos desta edição.



O Correio das Artes é um suplemento mensal do jornal **A UNIÃO** e não pode ser vendido separadamente.

A União Superintendência de Imprensa e Editora  
BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial - João Pessoa - PB  
PABX: (083) 3218-6500 - FAX: 3218-6510  
Redação: 3218-6509/9903-8071  
ISSN 1984-7335  
editor.correiodasartes@gmail.com  
http://www.auniao.pb.gov.br

Secretário Est. de Comunicação Institucional  
Luis Torres  
Superintendente  
Albiége Fernandes  
Diretor Administrativo  
Murillo Padilha  
Câmara Neto

Diretor de Operações  
Gilson Renato  
Editor Geral  
Jorge Rezende  
Editora Adjunta  
Renata Ferreira

Editor do Correio das Artes  
William Costa  
Supervisor Gráfico  
Paulo Sérgio de Azevedo  
Editoração  
Paulo Sérgio de Azevedo

Arte da capa  
Domingos Sávio  
Ilustrações e artes  
Domingos Sávio e Tonio  
 GOVERNO DA PARAÍBA



# Ozu

## e as crônicas

### DA PROVÍNCIA DO JAPÃO

**Claudio Brito**

Especial para o *Correio das Artes*

**O** cineasta japonês Yasujiro Ozu nasceu em Tóquio, a 12 de dezembro de 1903, e, na mesma cidade, exatamente no dia da comemoração do seu aniversário, em 1963, morreu. Logo, em 2018, no mesmo dia em que celebramos os 115 anos de seu nascimento, lembramos, ao mesmo tempo, os 55 anos de sua morte. Seu trabalho inspirou cineastas como Akira Kurosawa, Wim Wenders e Jim

*Yasujiro Ozu nasceu em Tóquio, Japão, e morreu de câncer em 12 de dezembro de 1963, exatamente no dia do seu aniversário de 60 anos*

Jarmusch. Ao longo dos 35 anos em que esteve em atividade, entre 1927 e 1962, Ozu realizou 53 filmes de longa-metragem e registrou artisticamente mudanças significativas na sociedade japonesa. De um império expansionista, o Japão é submetido, após a Segunda Guerra Mundial, a uma ocupação estadunidense, que dura até 1952. Essa ocupação define uma reforma política e econômica, regida por Washington, que acarreta uma profunda mudança sociocultural no país. Entre comédias e dramas domésticos contemporâneos, os filmes ▶



*Cena de Filho único*  
(*"Hitori musuko"*, 1936),  
estrelado por Chôko Iida  
e Shin'ichi Himori

► de Ozu estão centrados na família japonesa e na sua dissolução, dentro de um contexto cultural que envolve os conflitos resultantes da passagem de uma sociedade provinciana, tradicionalista, patriarcal para uma sociedade urbana, industrial e competitiva, em função da modernização em curso em todo o país, desde o final do século XIX, acelerada pela ocupação estadunidense. Essa modernização trouxe novos modos de produção, de consumo e de comportamento social, além da falência financeira de muitas famílias tradicionais, obrigadas a vender suas lojas a grandes empresários detentores de capital estrangeiro.

Em geral, Ozu apresenta o cotidiano e a dissolução da família a partir do casamento dos filhos, do envelhecimento do casal, da morte de um dos cônjuges e da solidão do remanescente. Para alguns, essa temática seria pessimista. Não para Ozu. Em suas obras, não há uma angústia existencial, uma reclamação fortuita ou gratuita, não há lamentação; há, simplesmente, compreensão e aceitação. No entanto, a aceitação da contingência da vida não significa acomodação. Ozu lutou, com coragem e firmeza, contra a injustiça e a desigualdade social em seu país, e mostrou, por meio de sua obra, a força de caráter de um artista virtuoso e ético. Seus filmes foram realizados dentro dos preceitos da tradição Zen, assim como praticamente toda arte japonesa a partir do século XII, quando o Zen budismo foi

introduzido na jovem civilização do Japão, oriundo da China.

A filosofia Zen tem como preceito básico o desenvolvimento espiritual e a busca do bem-estar físico e mental a partir da experiência individual no momento presente. A consciência e as virtudes humanas são aperfeiçoadas por meio da contemplação e da prática da plena consciência ou concentração em nossos pensamentos e ações, de maneira a libertar a mente das emoções negativas, tais como raiva, ódio, orgulho, desejo e apego. O Zen valoriza o equilíbrio, a simplicidade, a maturidade (ausência de compulsões) em nossas ações, a quietude, a paciência, a busca pela harmonia com a vida, o sentimento da impermanência, ou seja, o desenvolvimento da compreensão correta de que somos, de fato, seres efêmeros, pertencentes a uma cultura em constante transformação, passageiros do trem da vida (não à toa, em praticamente todos os filmes de Ozu, o trem está presente, não somente como símbolo da força motora da modernização, mas, também, como metáfora do rápido distanciamento entre as pessoas e do movimento dinâmico da vida).

## CRONISTA DO COTIDIANO, ASSIM COMO MANUEL BANDEIRA

No cinema, o cronista do cotidiano Ozu poderia ser considerado o equivalente, na literatura, ao nosso Manuel Bandeira (1886-1968), principalmente o escritor andarilho de *Crônicas da província do Brasil* (1937) – livro reeditado, como obra independente, somente em 2006 (antes, havia aparecido algumas vezes em volumes de obra reunida), pela extinta Cosac Naify, sendo seguido por outros dois, *Crônicas inéditas I* (2008) e *Crônicas inéditas II* (2009), todos organizados por Júlio Castañon Guimarães, em belíssimas edições com capa dura, papel de excelente qualidade, fotos, ilustrações, notas, posfácios etc. O poeta pernambucano (que, há exatos 50 anos, teve sua consoada com a Indesejada das gentes), mesmo abordando uma grande diversidade temática (arquitetura, escultura, pintura, cultura popular, personalidades etc.), mantém, em *Crônicas da província do Brasil*, uma unidade estilística harmoniosa, marcada, principalmente, por uma narrativa coloquial, rítmica, visual e musical que conduz naturalmente o leitor ao encantamento, ao deslumbre, ao perceber que adentrou, por meio da palavra poética do cronista, em um mundo plástico, lúdico, lírico e onírico permeado de beleza e mistério. Talvez o deleite proporcionado pela leitura do livro seja oriundo do próprio envolvimento e fascínio de Bandeira com a arte barroca, colonial e popular que encontra ao viajar pelas “províncias” brasileiras, entre as décadas de 1920 e 1930, buscando um “laço entre a poética modernista e a tradição da arte barroca”. Bandeira alerta para a necessidade de criarmos um “ambiente tradicionalista”, com o intuito de evitar que todo aparato urbano e industrial se torne “símbolo de modernidade sem entranhas, de

► civilização duramente materialista, de dinamismo atropelante”. Nesse aspecto, ele acredita que seja possível o desenvolvimento de “métodos de uma técnica industrial econômica [que possam] perfeitamente coexistir com o amor das belas coisas e o culto da tradição aproveitável”.

Bandeira visitou as capitais da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão, Pará e as velhas cidades de Minas Gerais. Na “Advertência” de *Crônicas da província do Brasil*, o poeta observa que os textos são, na verdade, de um provinciano para a província, uma vez que “o Brasil todo é ainda uma província”, e até mesmo o Rio de Janeiro (capital da época) “guarda uma alma de província”. Nesse aspecto, do amálgama artístico e cultural existente entre as províncias e a capital, surgem as crônicas de Bandeira, que buscava refletir nosso passado, nossas tradições, a fim de sentir intensamente o Brasil a partir de seu nascedouro cultural, de seus artistas populares, com o intuito de redescobri-lo, como cidadão e artista. É a verdadeira busca da criação artística baseada na tradição, assim como argumentou o professor e poeta Carlos Newton Júnior, em seu artigo “Movimento Armorial, tradição e vanguarda” (Correio das Artes, março de 2011): “ao se vincular a uma tradição, o grande artista não pretende cultuar as cinzas dos seus antepassados, mas a chama que os animava, fazendo, dela, o lume que usará para iluminar o seu próprio caminho. O artista reconhece que não está só no mundo, que muitos pensaram e realizaram antes dele [...]. O artista, assim, cria o novo a partir do diálogo com os seus mortos, inserindo a sua obra no universo formado pelas grandes obras de arte que o precederam”. Nesse sentido, ao abordar o processo criativo de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, Bandeira enaltece o seu talento e a sua capacidade de realizar uma releitura do barroco, ajustando-o à sua realidade: “Tratou o barroco, renovando-o com um espírito de criação verdadeiramente genial: adaptou-o ao ambiente rude da capitania mineira. [...] Toda a sua

obra de arquiteto e de escultor é de uma saúde, de uma robustez, de uma dignidade a que não atingiu nunca nenhum outro artista plástico entre nós”. E, ao se referir à “tranquila dignidade” das casas coloniais, não perdoa a tentativa de “cópia” de algumas delas, no estilo denominado “neocolonial”: “Há em algumas dessas casas novas a intenção de retomarem o estilo das velhas. Mas falta a essa arquitetura de arremedo o principal em tudo, que é o caráter”.

Bandeira, em *Crônicas da província do Brasil*, busca conhecer a arte tradicional de seu país, na perspectiva de dialogar com seus antepassados e manter viva a chama artística que caracteriza e dignifica a cultura brasileira, para, dessa forma, se fortalecer e vislumbrar alternativas diante de um “progresso demudador” (“Ouro Preto é a cidade que não mudou, e nisso reside o seu incomparável encanto”), acelerado pela Revolução de 1930 e seu viés urbano e industrialista. Ozu, por outro lado, em sua obra, apresenta os sinais da modernização no Japão e seus conflitos inerentes, mas não propõe, explicitamente, caminhos alternativos à modernização. O cineasta utiliza os elementos ou signos associados às mudanças tecnológicas para descrever, muitas vezes, situações de harmonia ou desarmonia nas relações humanas, seguindo os preceitos contemplativos da arte Zen. O espectador contempla a vida em seus ciclos, em suas alternâncias. Por exemplo, o professor Marvin Zeman, em um artigo sobre a arte Zen na obra do realizador japonês, publicado no livro *Ozu, o extraordinário cineasta do cotidiano* (1990), organizado por Lúcia Nagib e André Parente, observa que, em *Uma história de ervas flutuantes* (1934), um casal de jovens apaixonados, prestes a se despedir, está cercado por fios telegráficos, o que sugere o entrelaçamento ou forte união dos dois; no mesmo filme, os fios telegráficos que aparecem no plano que contém o pai não cruzam com os mesmos fios quando, em outro plano, o filho aparece; o desarranjo entre os fios sugere a desarmonia entre os dois.

Às vezes, a reflexão sobre a

modernização é realizada na perspectiva da província. Em *Filho único* (1936), uma mãe solteira sofre, pela solidão e sobrecarga de trabalho, para enviar o filho a Tóquio, a fim de que possa estudar e alcançar uma ascensão social. A decepção da mãe, ao perceber que o filho, mesmo tendo se formado e se tornado professor de escola fundamental, não conseguiu acumular riquezas, em função de seu baixo salário, é muito grande, mas é atenuada pelo reconhecimento de que possui muitas virtudes como pai, marido e homem – no Japão, a escola e o trabalho são extensões da casa; em função disso, o professor goza de um prestígio social que, ironicamente, a personagem da mãe desconsidera. Por causa das dificuldades financeiras do filho, a mãe percebe que, ao se aposentar, deverá permanecer na sua cidadezinha, para não se tornar um fardo a seu descendente. Curiosamente, em *Era uma vez um pai* (1942), o tema da separação retorna, só que num deslocamento inverso, pois o filho permanece no interior (num colégio interno), sendo mantido pelo pai (um professor que abandona a profissão por se sentir culpado pelo afogamento de um aluno, numa viagem de excursão escolar), que vai a Tóquio trabalhar num escritório de fábrica e que impede que o filho, depois de formado, venha ao seu encontro, para não se decepcionar, na cidade grande. Nesses dois filmes, o que prevalece, como em toda obra de Ozu, não é a exacerbação do conflito gerado pela separação – que, aparentemente, não será solucionada (tanto a mãe como o pai ficarão distantes de seus filhos) –, mas sim a aceitação de que a mesma vida caótica que nos proporciona o isolamento e o distanciamento daqueles que amamos, também, em momentos de ternura e graça, tão bem proporcionados por Ozu, nos acalenta com a sintonia dos corpos, das falas e das imagens, em momentos de confraternização, de encontros amistosos (como não se sentir tocado, por exemplo, diante da quietude poética e imagética presente nas cenas de pescaria do pai e filho, em perfeita comunhão, na sincronia dos gestos, em *Era uma vez um pai?*).



*Cena de Pai e filha  
(Banshun, 1949),  
estrelado por Chishu  
Ryu e Setsuko Hara*

## ▶ FILMOGRAFIA ALICERÇADA NA FILOSOFIA ZEN

Como dito anteriormente, a obra de Ozu tem de ser analisada, sempre que possível, dentro de um contexto de realização e de recepção alicerçado pela filosofia Zen. Nesse aspecto, muitos filmes seus estão associados às estações do ano – a primavera, ao tempo de otimismo (infância, adolescência e juventude); o verão, à energia, ao trabalho, à produção (fase madura, entre 26 e 50 anos); o outono, ao declínio físico do corpo e da produtividade (fase madura, entre 51 e 75 anos); o inverno, ao descanso e à morte (velhice avançada). Curiosamente, filmes com a temática da filha que não quer casar, para não abandonar o pai ou a mãe à solidão, em geral têm as estações representando a fase da vida de algum personagem. Por exemplo, em *Pai e filha* (1949) – no original, *Banshun*, “primavera tardia” –, o demasiado tempo em que a filha permanece ao lado do pai, amparando-o em sua velhice, refere-se, justamente, à longa fase da vida em que se encontra a moça; em *Dias de outono* (1960), a estação do ano está associada ao envelhecimento da mãe; em *Fim de verão* (1961), a estação vincula-se diretamente à viúva Akiko, interpretada pela musa Setsuko Hara, em seu último filme com Ozu; e em *A rotina tem o seu encanto* (1962) – no original *Sanma no*

*aji*, “tarde de outono” –, a estação representa o velho viúvo, em precária situação de saúde. A temática recorrente nesses quatro filmes citados atingiu seu apogeu com a Trilogia Noriko (nome da personagem, interpretada por Setsuko Hara, em papéis distintos), que, além de *Pai e filha*, é formada pelos filmes *Também fomos felizes* (1951) e *Era uma vez em Tóquio* (1953), este último sendo considerado por muitos críticos como a obra-prima de Ozu.

A repetição temática, dentro da obra de Ozu, deve-se não somente ao fato de que, ao retratar as famílias japonesas, em seus mais distintos formatos, os mesmos dilemas irão reaparecer. A reiteração talvez seja simplesmente para nos mostrar que, por mais que tentemos evitar, os conflitos vividos dentro de um ambiente familiar – separação, decepções, desemprego, aposentadoria, envelhecimento, doença, morte etc. – são, essencialmente, aqueles que mais contribuem para nossa formação humana e, intrinsecamente, implicam a reflexão sobre nossa existência e a busca de um sentido inerente associado a nossas ações. A repetição de planos cinematográficos, como as casas periféricas com chaminés de fábrica ao fun-

do, talvez tenha o objetivo de estimular a reflexão sobre as mudanças que estão a ocorrer, em função da modernização, e suas consequências no seio familiar. No aspecto arquitetônico, inclusive, as imagens internas das casas simétricas, harmoniosas e iluminadas de Ozu são uma contraposição às imagens externas de fábricas grotescas e esfumaçadas, postes e emaranhados de fios, ruas sombrias e luzes cintilantes etc.

Quando penso na repetição de temas, na obra de Ozu, de maneira a obter um perfil para seus personagens, lembro imediatamente do filme *Cortina de fumaça* (1995), com direção de Wayne Wang e roteiro de Paul Auster. Há uma cena em que Auggie (Harvey Keitel), balconista de uma tabacaria, apresenta para o escritor Paul Benjamin (William Hurt) o “projeto de sua vida”: grandes álbuns de fotografia (14 ao todo), catalogados, na lombada, em função do ano correspondente, de 1977 a 1990. São mais de quatro mil fotos de um mesmo lugar, a esquina da Rua 3 com a Sétima Avenida, em Nova York, todas obtidas em dias consecutivos, no mesmo horário (oito da manhã), faça chuva, faça sol. Enquanto o escritor observa desconcertado e impressionado as fotos, Auggie o alerta para que passe as páginas dos álbuns com mais lentidão, para ver melhor as imagens. “Mas são todas iguais...”, alega o escritor. “São todas iguais, mas cada uma é diferente de todas as outras. Tem as manhãs ensolaradas e as sombrias. Tem a luz do verão e a luz do outono. Tem os dias úteis e os fins de semana. Tem pessoas de casaco e galocha, tem pessoas de short e camiseta. Às vezes as mesmas pessoas, às vezes diferentes. E às vezes as diferentes se tornam as mesmas, e as mesmas desaparecem. A terra gira ao redor do sol, e cada dia a luz do sol atinge a terra num ângulo diferente”, responde Auggie. Não consigo imaginar melhor interpretação Zen para as repetições temáticas de Yasujiro Ozu do que essa resposta de Auggie. As casas, as simetrias, os olhares, as motivações, o estado de saúde, o sonho e o passado de cada personagem, tudo muda de uma narrativa para outra, logo, o filme nunca será o mesmo. ▶

## ▶ MÉTODOS E NARRATIVAS PECULIARES

Ozu tornou-se conhecido no Ocidente muito mais por seus métodos – planos fixos, médios ou fechados, realizados por uma objetiva de 50 mm, câmera a meio metro do chão, cortes secos, olhares que, aparentemente, se dirigem ao espectador etc. – do que, propriamente, por suas temáticas e narrativas, consideradas singelas e lentas, respectivamente. Já mencionamos a reiteração da temática em Ozu como um meio de familiarizar o espectador diante dos eventos e fenômenos do cotidiano, a fim de que possa contemplar a quietude e aceitar a impermanência da realidade, que está em constante transformação. Quanto à narrativa, vamos considerá-la numa perspectiva arquitetônica, partindo da análise da simetria e dos detalhes dos enquadramentos. Esses aspectos técnicos da narrativa de Ozu são brilhantemente abordados no documentário de Wim Wenders, *Tokyo-Ga* (1985), uma grande ode ao mestre japonês, que conta com depoimentos de dois de seus colaboradores mais longevos, o ator Chishu Ryu, que somente não participou de dois de seus filmes, e o diretor de fotografia Yuharu Atsuta, que foi assistente de câmera durante 15 anos e câmera principal em outros 20 (ou seja, esteve ao lado do cineasta em todos os seus filmes). Atsuta lembra que Ozu, embora fosse metódico e conservador em relação à objetiva de 50 mm e à câmera baixa e fixa, deixava-o bastante à vontade quanto à iluminação, dando toda liberdade quanto às suas escolhas. Quando saíam em busca de locações para filmagens externas (as internas eram sempre realizadas em estúdio), todo o trajeto era realizado a pé. “Havia uma brincadeira a esse respeito: a preparação das locações durava o tempo necessário para se mudar de ideia”, recorda Atsuta. O andarilho Ozu estava sempre em constante contemplação e transformação, como a vida e sua impermanência...

Acredito que, em Ozu, os planos são fixos porque seus enquadramentos visam à criação de uma imagem pictórica. Por isso a opção



De cima para baixo, Akira Kurosawa, Jim Jarmusch e Wim Wenders, diretores influenciados pela obra de Ozu

por planos mais fechados (médios e americanos), mesmo em imagens externas. São raros os planos gerais ou de conjunto. Os planos mais fechados permitem a visualização dos detalhes que os constituem. Ozu trabalhava exaustivamente na concepção de seus planos, sempre em busca da melhor simetria dos elementos em cena. Os objetos (mesa, tatame, jarros, garrafas de saquê, copos, tapetes, luminárias etc.) são dispostos de maneira a obter a melhor harmonia possível, dentro

das características da tradição Zen nas casas japonesas. Manuel Bandeira, em *Crônicas da província do Brasil*, lembra-nos que as simetrias não são meras disposições geométricas. Ao discorrer sobre a disposição perpendicular dos sofás, nas salas de visita das casas brasileiras, a princípio poderíamos alegar que o motivo estaria relacionado “ao gosto primário pela simetria, quando em verdade é uma sobrevivência tenaz de costumes árabes herdados por intermédio dos portugueses”. No Japão, até a luz difusa que atravessa o “shoji” (painel ou porta de correr deslizante que funciona como janela) contribui para a criação de uma atmosfera agradável, suave, tranquilizadora. E, obviamente, esse aspecto era levado em consideração nos planos de Ozu.

A harmonia não envolvia somente a relação entre os objetos. Os atores eram orientados de maneira a não exacerbar sentimentos, movimentos e, principalmente, os olhares. O olhar, para Ozu, tinha um significado especial. Os personagens não parecem conversar entre si, seus olhares não coincidem; algumas vezes, parecem estar a meditar, a falar a sós, outras vezes (talvez a maioria) estão a conversar com o espectador, como se também ele fizesse parte do filme ou precisasse se envolver mais, ter uma maior responsabilidade na construção de sentidos para a narrativa. Ozu não utiliza a câmera para manipular sentimentos, despertar emoções. Se uma personagem está a chorar, a câmera nunca dará um *close*, em busca de seus olhos. O mais comum é a personagem levar as mãos ao rosto, para que somente a sua reação seja registrada.

As imagens externas de fachada às vezes podem mostrar a curvatura de um telhado, em primeiro plano, com a chaminé de uma fábrica ou árvores a balançar, em segundo plano. As ruas são mostradas em planos médios, ou seja, somente podemos ver partes de lojas ou casas. Da mesma forma, fábricas são apresentadas por meio de chaminés esfumaçadas ou algumas janelas de escritórios. São partes que definem o todo. Ozu nos apresenta o detalhe e pede que nossa imaginação preencha o restante da edificação, convidando-nos a contemplar suas imagens. O espectador torna-se um construtor imagético, nessa interação. ▶

## SENTIMENTO DE ESPANTO E ENCANTO DIANTE DA VIDA

O andarilho Manuel Bandeira relata que, ao caminhar pelas praças, ruas e becos da capital baiana, imerge num processo de “contemplação” dos adornos “que enfeitavam com amor e capricho um solar térreo ou de dois pavimentos”. Conclui, após visitar as velhas igrejas, que, “em nossa terra exuberante, onde a natureza dá o modelo do mais fantástico capricho das curvas, o barroco é o grande estilo religioso”. Além das velhas igrejas, o barroco do século XVII também influencia o estilo arquitetônico das casas coloniais brasileiras (“ar severo, recatado, verdadeiramente senhoril”). No Japão, fortemente influenciado pela arte Zen, não poderia ser diferente. Ozu, em seus filmes, esforça-se por apresentar uma casa em que a tradição japonesa esteja realmente presente. Se, para Bandeira, as velhas igrejas brasileiras “suscitam pelo milagre artístico a emoção religiosa”, as casas japonesas, da mesma forma, devem ser ambientes propícios para a prática religiosa, uma vez que o espírito Zen, dentro de seus princípios budistas, vê o lar como um refúgio, um lugar sagrado em que o processo meditativo e o aprimoramento da consciência estão em constante desenvolvimento. Em função disso, as casas de Ozu, mesmo as mais pobres, apresentam sempre um aspecto agradável, equilibrado, pacífico, harmonioso.

Em contraposição à contingência caótica da vida, Ozu buscou, por meio de uma narrativa simples, mas inovadora, expressar seu sentimento de espanto e encanto diante da vida. Não existe o lamento, tampouco a derrota, em seus filmes. Se estiver sofrendo, o personagem procura, muitas vezes, identificar a origem do seu sofrimento, para, da melhor forma possível, tentar cessá-lo, na simplicidade de seus gestos e de suas ações. Mas, se não puder fazer nada, o que resta é somente a aceitação. No desfecho de *Era uma vez em Tóquio* (1953), a filha mais nova do casal protagonista, após observar a mudança de comportamento da irmã mais velha, que havia se tornado uma “pessoa cruel”, diz: “A vida não é decepcionante?” A cunhada, a atriz Setsuko Hara, com um sorriso pleno, vivo, de aceitação, responde: “Sim, é”.

O poeta-cronista Manuel Bandeira, ao final de *Crônicas da província do Brasil*, traz à tona uma verdade óbvia e esperançosa, mas apa-



Manuel  
Bandeira, autor  
de *Crônicas da  
província do  
Brasil*

rentemente obscura para os ingênuos que creem que “o progresso urbano é avenida e arranha-céu”, que a “modernidade é asfalto e cimento armado”: “Todos os dias a poesia reponta onde menos se espera: numa notícia policial dos jornais, numa tabuleta de fábrica, num nome de hotel da rua Marechal Floriano, nos anúncios da Casa Matias... Poesia de todas as escolas”. O cineasta-cronista Yasujiro Ozu, oriundo da escola Zen, que tão bem soube captar o cotidiano das relações humanas, realizou uma poética cinematográfica permeada de beleza, quietude, serenidade e harmonia. Atingiu, dessa forma, sua plenitude artística e, oxalá, espiritual. Porque, se a arte é a linguagem da alma humana, o que o artista tenta, então, capturar e desvendar, por meio do “milagre artístico”, não seria a “emoção religiosa” primitiva, o lume primeiro da criação, o cerne da própria Iluminação? ✦

**Claudio Brito** é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) e documentarista. Possui graduação (UFPB) e mestrado (UFC) em Engenharia Elétrica e doutorado em Linguística (UFPB), na área de leitura literária e oralidade. Desde 2016, é ocupante da Cadeira 01 da Academia Paraibana de Cinema, em vaga deixada pelo cineasta Linduarte Noronha (1930-2012). Entre seus principais trabalhos, estão os documentários de longa-metragem *Ariano: Suassunas* (2013), *Pelo Caminho Sagrado: Andante* (2015) e *Euclides: o peregrino das palavras* (2016). Mora na capital da Paraíba.

# “A proposta é dialogar”

NO PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DO CULTURA-E, O ESCRITOR THIAGO ANDRADE MACEDO, EDITOR-GERAL DO CANAL ELETRÔNICO, COMENTA A ORIGEM, A ESTRUTURA E AS FINALIDADES, ALÉM DE FAZER UM BALANÇO DAS PRINCIPAIS CONQUISTAS DO SITE

**William Costa**  
Editor do *Correio das Artes*

**M**ineiro de Viçosa, mas filho de pernambucanos, Thiago Andrade Macedo considera-se um ex-nômade que decidiu, por vontade própria, aliada a circunstâncias exteriores a ela, radicar-se na cidade de João Pessoa (PB). Ele também se auto define como um “escritor infiltrado no serviço público federal, advogado não militante, articulista do jornal *A União* e autor do romance policial, psicológico e filosófico *O silêncio das sombras*, publicado em 2015”.

Além de curtir muito cinema e música, Thiago é um leitor voraz, um escritor de talento – tanto de contos e romances, como de artigos, crônicas e resenhas de livros, filmes e discos – e um polemista moderado, preferindo bater-se, de forma mais incisiva, porém “sem perder a ternura, jamais”, quando o assunto é cultura. Nesse último caso, tem energia, informação e discernimento

**Thiago Macedo entende que “a internet pode ser um meio mais rápido e com maior alcance para a disseminação de ideias e de conhecimentos**

para sustentar uma discussão horas a fio, quando encontra um oponente à altura, lógico.

O tempo, contudo, não oferece a Thiago tantas oportunidades de debater suas ideias e opiniões “ao vivo e em cores”, considerando-se as cargas horárias não só do serviço público federal, como também de suas atividades acadêmicas, domésticas, de lazer etc. Esse talvez tenha sido um dos principais motivos que o levaram a criar o site *CULTURA-E* ([www.revistaculturae.com.br](http://www.revistaculturae.com.br)), que em novembro passado completou um ano de seu lançamento oficial.

Por meio do *CULTURA-E*, Thiago dá sua importante colaboração, no sentido de incentivar as pessoas a consumirem cultura de maneira crítica, haja vista que, no site, elas têm acesso às opiniões de um elenco plural de colunistas, tanto no que diz respeito ao estilo como nos conteúdos expressos. “A ideia é fazer algo simples, porém eficiente. “Para alcançar esse objetivo – ressalta Thiago –, publicamos apenas textos fluentes, claros, objetivos e de linguagem ágil”.

Thiago entende que “a internet pode ser um meio mais rápido e com maior alcance para a disseminação de ideias e de conhecimento, sem necessariamente cair na armadilha do excesso de informação sem utilidade alguma”. Por isso, não esconde a intenção de, por meio do *CULTURA-E*, poder formar opinião, “a fim de que o site se torne uma espécie de ‘guia cultural’, fomentando a disseminação e o debate de ideias”. Até agora, mais de cem artigos já foram publicados.

As colaborações são espontâneas e não remuneradas, mas, segundo Thiago, o site funciona como uma vitrine, tendo em vista o número crescente de pessoas que acessam o *CULTURA-E* em busca de novas informações sobre arte e cultura. “Após um ano de funcionamento, podemos dizer, com enorme satisfação, que estamos promovendo um

FOTOS: ANTONIO DAVID



► fecundo diálogo entre artistas e intelectuais de todo o Brasil, incluindo, neste conjunto, a nossa região”, destaca o escritor.

No *CULTURA-E* o internauta vai encontrar, por exemplo, além de textos do próprio Thiago, colaborações do escritor e artista plástico W. J. Solha, da escritora portuguesa Ana Maria Oliveira, do professor Diego Almeida Monsalvo, do crítico de cinema Rodrigo Maracajá, do escritor gaúcho Nelson Hoffmann, de Marcius Cortez, escritor potiguar radicado em São Paulo, e do jornalista William Costa, entre outros colunistas. Na entrevista a seguir, Thiago dá mais detalhes sobre a origem, a estrutura, as finalidades e os progressos do *CULTURA-E*.

### **Quando e em que circunstâncias nasceu a ideia de criar e editar uma revista eletrônica voltada exclusivamente para assuntos de arte e cultura?**

Eu lançara meu romance policial, psicológico e filosófico *O silêncio das sombras (A União Editora, 2014)* fazia alguns meses, tendo começado a colaborar com o “Correio das Artes” e com o jornal *A União* em seguida. Ainda assim, sentia a necessidade de divulgar textos e ideias de modo mais ágil, através da internet. Eu já tinha, antes mesmo de lançar meu livro, um projeto em minha cabeça, de criar um espaço no meio digital que envolvesse arte, cultura, filosofia, literatura, música e cinema, com a participação de vários colaboradores/ autores. Com o passar do tempo, esse sentimento se tornou mais sólido. Foi aí que, conversando com um primo que reside no Recife, Welber Andrade, na época recém-chegado de um doutorado em Portugal, tivemos a ideia de criar o *CULTURA-E*, que, a princípio, uniria intelectuais da Paraíba e de Pernambuco. Iniciamos uma busca por desenvolvedores do site. Confesso que isso foi algo bem desgastante, pois muitas das pessoas da área de informática se envolvem em vários projetos ao mesmo tempo, o que travou um pouco, no início, nossas atividades, visto que não tínhamos as soluções que esperávamos dentro do prazo estabelecido. Depois de alguns meses,



no entanto, meu primo teve que abraçar outros projetos profissionais e, momentaneamente, não está inserido em nosso projeto. Espero que retorne em breve! Dessa forma, busquei outros parceiros, como o Alex Trindade, que hoje cuida da parte de tecnologia e ambientação do site, para que a ideia fosse levada adiante. No momento, atuo como editor-geral e sou o maior divulgador cultural do site também. Na verdade, o site não é propriamente uma revista, apesar de seu endereço ser [www.revista-culturae.com.br](http://www.revista-culturae.com.br), por uma questão de registro de seu domínio. Terá esse formato, se o internauta assim decidir, pois o conteúdo é semanalmente ou quinzenalmente atualizado. Enfim, dependendo da interpretação de cada um, é um site que é uma revista, ou uma revista que é um site. Não estamos preocupados com rótulos.

### **O que a palavra cultura significa para você?**

Cultura é uma palavra plurissignificativa. Abrange modos de ser, idiossincrasias. Pode ser a identidade de uma comunidade, de uma região, de um povo, de uma nação, em um sentido mais amplo. Dentro de um contexto mais específico, a cultura está ligada às manifestações artísticas de grupos ou indivíduos. De fato, quando criei o nome do site, levei em conta o verbo “culturae”, que vem do latim e significa plantar,

frutificar, semear, num sentido mais amplo, e cultivar a mente e o conhecimento, num sentido mais particular. Fiz um trocadilho com o ambiente de internet e surgiu o *CULTURA-E*, ou seja, a cultura eletrônica, digital.

### **Deixando de fora questões relacionadas às tecnologias, o que diferencia uma revista digital de sua congênera impressa? Ou seja, por que a opção pelo formato eletrônico?**

A escolha pelo formato eletrônico tem a ver com informação ágil, com qualidade e inteligência em sua propagação. Vivemos em um mundo onde tudo se esfacela no ar, ou seja, a chamada “modernidade líquida” de que falava Zygmunt Bauman. Entretanto, a internet pode ser um meio mais rápido e com maior alcance para a disseminação de ideias e de conhecimento, sem necessariamente cair na armadilha do excesso de informação sem utilidade alguma, se for bem dirigida. É claro que há muita porcaria no ciberespaço - disso não resta dúvida. Contudo, não queremos, mesmo estando no meio digital, produzir um conteúdo raso ou de pouca substância. Demais disso, não temos a intenção de competir com revistas e jornais impressos, onde a informação cultural vem, na maioria das vezes, com maior complexidade, haja vista que o espaço gráfico é maior. Enfim, almejamos virar referência na rede, servindo de substrato tanto para o público leigo como para o público da área cultural, mesclando entretenimento e o conhecimento formal, inclusive tecendo ligações com o meio universitário. Os artigos veiculados pelo site, inclusive, já estão sendo utilizados por professores de nível médio, visando o debate e interpretação de textos com seus alunos em sala de aula, em preparação para o ENEM, bem como por professores universitários, em aulas e discussões envolvendo temas de ciências humanas.

### **De um ponto de vista mais específico, qual a linha editorial do *CULTURA-E* e quem são os colaboradores do site?**

Basicamente, buscamos a pu- ►

► blicação de artigos, ensaios visuais, contos, crônicas e outros formatos de textos que possam interagir com imagens (fotos ou vídeos), levando informação e prazer ao internauta, de modo ágil e inteligente, como está explicitado no “Quem somos” do site. Por óbvio, há a intenção de podermos formar opinião, a fim de que o site se torne uma espécie de “guia cultural”, fomentando a disseminação e o debate de ideias. Todos podem colaborar com o *CULTURA-E*, desde que possuam textos com inegável qualidade literária e artística. Atualmente, temos colaboradores de todas as gerações no site, desde escritores consagrados como W.J. Solha, Enéas Athanázio e Marcius Cortez, até talentos da nova geração, como Rodrigo Maracajá e João Gabriel Gomes. Além disso, procuramos criar um diálogo entre variadas regiões e Estados do país. O site veio para mesclar os sotaques e as cores do Brasil. Sob esse prisma, já colaboraram com o nosso projeto Cláuder Arcanjo, do Rio Grande do Norte, Vieira Vivo e o professor Diego Monsalvo, de São Paulo, o grande Nelson Hoffmann, do Rio Grande do Sul. De nossa Paraíba, é constante a presença dos textos de William Costa, por exemplo. As portas do site estão abertas para quem produz coisas boas. Um dos objetivos principais do projeto é exatamente este: manter um diálogo, oxigenado por boas ideias, entre as várias gerações de escritores, de vários lugares do país, apresentando novos talentos ao público em geral. Fazendo isso, o nosso conteúdo, aliás, espontaneamente já está sendo utilizado em sala de aula, fomentando debates no meio acadêmico, no ensino de nível médio e em cursos preparatórios para o ENEM.

#### **Quais os critérios exigidos para as pessoas que tenham interesse em se tornar colaboradoras do site?**

O site possui neste momento oito seções ou espaços, destinados à arte de um modo geral, literatura, música, cinema e filosofia. Há algumas seções temáticas, com uma espécie de “mote”,



como o espaço “Nada se cria, nada se perde; tudo se transforma” e os “Ensaio ilustrados”, capitaneados pelo W.J. Solha, mas não há nada engessado, evitamos o congelamento de ideias e buscamos sempre algo dinâmico e interativo. Para se tornar um colaborador, o básico é escrever bem e conseguir passar sua mensagem no formato exigido pelo ciberespaço. Não é imprescindível que o autor seja consagrado ou tenha livros lançados. O importante é que ele utilize o nosso espaço para divulgar textos de qualidade, promovendo, se possível, a discussão de ideias e o debate entre os leitores/usuários.

#### **Você pretende ampliar o site, incorporando novas seções e novos colaboradores?**

Sim, essa é a intenção. O site nunca será estático. Temos recebido, por exemplo, material de poetas. Portanto, a abertura de um espaço para a publicação de poemas é algo que já vem sendo estudado. Além disso, o projeto não conta com colaboradores fixos. É claro que há uma presença mais forte, pela quantidade dos textos inseridos, de autores como o Solha - que é um escritor bastante prolífico e tem uma linguagem que se casa muito bem com a internet - ou até mesmo eu, pelo fato de ser editor do site e de escrever sobre música e filosofia, por exemplo, que são áreas que nem todo mundo que escreve artigos quer abraçar. Contudo, todos os que têm boas

ideias serão bem-vindos. Como já disse, as portas estão sempre abertas à boa informação e ao conhecimento.

#### **Qual o retorno que você teve até agora, decorrido pouco mais de um ano do lançamento do site?**

Bem, o site foi lançado oficialmente no dia 15 de novembro do ano passado. E já temos mais de cem artigos publicados! Ainda estamos, no entanto, aperfeiçoando o espaço, procurando mais interatividade com outras ferramentas e uma navegabilidade mais eficiente. Apesar disso, a resposta dos leitores e dos usuários/internautas tem sido a melhor possível. As pessoas ligadas à área cultural, de igual forma, têm nos repassado ótimas impressões sobre o conteúdo e a navegabilidade do site. O número de acessos tem crescido cada vez mais, a cada dia. Nosso país é tão carente de boa informação e conhecimento... Buscamos cumprir um papel de divulgação de ideias entre a nova geração e as mais antigas, ou seja, atuaremos buscando um público sem limite de faixa etária, e, por tabela, sem limites espaciais, ideológicos, políticos, econômicos, sociais etc. O site está aí para ser acessado por todos. A internet, quando bem utilizada, é uma ferramenta poderosíssima para a propagação democrática do conhecimento. Procuramos, portanto, a excelência na transmissão de informação de qualidade, visando ser referência no ambiente cultural de nosso país. Nos últimos tempos, surgiram algumas opções nesse “nicho” da internet, mas as que têm conteúdo e qualidade ainda são poucas. Tentaremos preencher, de maneira mais efetiva, esse espaço, disponibilizando cultura e conhecimento ao alcance de todos. ✦

**William Pereira da Costa** nasceu em Campina Grande (1960), morou em Santa Luzia e, desde 1972, está radicado na capital da Paraíba. É jornalista e escritor. Em 2017, publicou *Para tocar tuas mãos - Chronesis* (Ideia).



FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET

## ◆ patrimônio cultural

# Cordel:

## DE FATO E DE DIREITO, patrimônio do Brasil

**Linaldo Guedes**  
linaldo.guedes@gmail.com

**O**fato quase passou despercebido ou teve pouca repercussão diante de sua importância. O certo é que em pleno setembro deste ano, com o país dividido numa campanha política tensa e intensa, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) reconheceu a Literatura de Cordel como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. A decisão foi tomada por unanimidade pelo Conselho Consultivo do órgão, que se reuniu no Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro.

O anúncio do Iphan foi alvissareiro: “Poetas, declamadores, editores, ilustradores, desenhistas, artistas plásticos, xilogravadores e folheteiros, como são conhecidos os vendedores de livros, já podem comemorar, pois agora a Literatura de Cordel é Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro”, anunciou o Iphan.

Mas há mesmo o que comemorar, em um país que vive a lamentar o fechamento de grandes livrarias?

Bom, é sabido que a Literatura de Cordel é um dos

gêneros literários mais antigos e populares no Brasil. O gênero é escrito na forma rimada, originado em relatos orais e depois impresso em folhetos. Segundo contam os estudiosos, remonta ao século XVI, quando o Renascimento popularizou a impressão de relatos orais, e mantém-se uma forma literária popular no Brasil.

O nome tem origem na forma como tradicionalmente os folhetos eram expostos para venda, pendurados em cordas, cordéis ou barbantes em Portugal. No Nordeste do Brasil, o nome ▶

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



*Leandro Gomes de Barros, chamado por Carlos Drummond de Andrade de “O príncipe dos poetas”*

foi herdado, mas a tradição do barbante não se perpetuou: o folheto brasileiro pode ou não estar exposto em barbantes. Alguns poemas são ilustrados com xilogravuras, também usadas nas capas. As estrofes mais comuns são as de dez, oito ou seis versos. Os autores, ou cordelistas, recitam esses versos de forma melódica e cadenciada, acompanhados de viola, como também fazem leituras ou declamações muito empolgadas e animadas para conquistar os possíveis compradores.

O que muda com essa decisão do Iphan? Na prática, não muda muita coisa.

Na Paraíba, berço do maior nome dessa arte, Leandro Gomes de Barros, poetas avaliam com entusiasmo, mas também com expectativa essa decisão do Iphan.

O poeta Astier Basílio, que surgiu para a poesia em Campina Grande e atualmente está radicado na Rússia, destaca que Paraíba, Pernambuco e Ceará continuam a manter a hegemonia na área. “Correndo o risco das omissões, citaria José Costa Leite, paraibano, radicado em Bezerros, Pernambuco; Jorge Filó, pernambucano; na Paraíba, destacaria Silas Silva, que também é xilogravador; Jandhuí Dantas, de Patos, e um escritor muito talentoso; Marco Di Aurélio; e por fim, por último mas não menos importante, irmãos Klévison e Arievaldo Viana, do Ceará”, diz.

Para Astier, no entanto, Leandro Gomes de Barros ainda se impõe como uma espécie de patriarca. “Mas eu destacaria o gênio e a criatividade de um autor como João Martins de Athayde. Sem deixar de lado obras-primas como *A chegada de Lampião no inferno*, de José Pacheco; *O romance do pavão misterioso*, de José Camelo de Melo Rezende; e *Viagem ao País de São Saruê*, de Manoel Camilo do Santos”, ressalta.

Astier enfatiza que a Paraíba detém um dos mais expressivos acervos de Literatura de Cordel do mundo, reunidos na Biblio-

FOTO: AUGUSTO PESSOA



teca Átila de Almeida, que pertence à Universidade Estadual da Paraíba. “Há ainda a Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, que fez um trabalho extraordinário de digitalização de suas obras, o que possibilitou a democratização do acesso de títulos raros ao público em geral. A preservação destes acervos passa diretamente por iniciativas como as realizadas pela instituição fluminense. Os acervos online são a grande ferramenta de salvaguarda da memória. Isso, claro, ao lado de ações próprias de conservação, catalogação e manutenção dos acervos”, comenta.

Segundo Astier, a Literatura de Cordel sempre acompanhou a tecnologia. “Quando o maquinário do jornal se renovou, os editores se beneficiaram ao comprar os prelos de segunda mão. A Literatura de Cordel sempre foi um sistema literário de pobreza. Autores pobres, escrevendo para leitores pobres por meio de editores pobres - editores que muitas vezes eram os próprios

poetas. Desde a popularização da internet, no final dos anos 1990, que há uma utilização das novas tecnologias pelos poetas e público leitor. Redes sociais, sites, grupos de WhatsApp, todas estas ferramentas vêm sendo utilizadas pela poética popular do Nordeste”, acrescenta.

Já o poeta Sander Lee, ao falar sobre os principais poetas em atividade, diz que o céu dos cordelistas é gigante. Ele cita que pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), através da pesquisa “Na memória da tradição: informação sobre vida e obra de poetas brasileiros”, financiada pelo CNPq, identificaram 150 poetas. O trabalho virou livro em 2016, editado pelas Editoras da UEPB e UFPB.

A professora Maria Elizabeth Baltar C. de Albuquerque, que coordenou esse trabalho de resgate, numa pesquisa posterior, mais abrangente, percebeu que há cordelistas em todo o Brasil. Já a professora Manuela Eugênio Maia, em sua pesquisa “Cordel brasileiro: proposta de uma nova tipologia no código de catalogação anglo-americano”, citando Almeida e Alves Sobrinho, diz sobre o cordel: “Tradição secular que se estabeleceu num país de dimensões continentais, enraíza-se e migra por todas as suas regiões, consolidando-se: esse é o cordel brasileiro.”

Em 2017, conta Sander Lee, as Editoras Nordestina e Veloço lançaram o livro *Cordelistas contemporâneos: coletânea 2017*, em que 53 poetas cordelistas de todo o Brasil demonstram a arte de se fazer um bom cordel. Ainda em 2017, a Nordestina lançou uma antologia versátil, *Além do Cordel*, projeto onde 31 cordelistas manifestam as suas habilidades em outros gêneros poéticos. E prossegue: “Temos excelentes nomes no Brasil, principalmente na região Nordeste, espaço berço do cordel como o conhecemos, cujo pai, na visão dos escritores da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, é o Leandro Gomes de Barros, poeta de



Chico Pedrosa (esq.) e  
Marco Di Aurélio

► Pombal, Paraíba. Assim, diante dessa realidade maravilhosa, para não cometer o pecado da omissão, gostaríamos de destacar os poetas aguerridos, que percorrem o Brasil, dando palestras, aplicando oficinas, trabalhando em pautas que visam a defesa do Cordel da Escola de Leandro, em que se respeite a métrica, a rima e a oração. Esses operários da beleza do cordel são: Aderaldo Luciano, que tem toda a sua formação acadêmica com base no Cordel, é mestre e doutor em ciência da literatura; Klévisson Viana, cearense que ganhou o Prêmio Jabuti, na categoria “Adaptação”, com o livro *O Guarani em Cordel*; Arievaldo Viana, Marco Haurélio, Braulio Tavares, Bule Bule, Francisco Honorato, Moreira de Acopiará, Compadre Lemos, Carlos Aires e outros. Na Paraíba, o poeta Marcelo Soares já aplicou oficinas de cordel e xilogravura na França, Estados Unidos, Alemanha e Turquia; Josafá de Orós é outro mestre do cordel e da xilogravura; Medeiros Braga, Marco Di Aurélio, Beto Brito, Daudeth Bandeira, José Dantas, Fábio Mozart, Thiago Alves, Tiago Monteiro, Marconi Araújo, Chico Mulungu, El Gorrión, Antonio Marcos Gomes, Sander Brown, Janduhi Dantas, são outros nomes que trabalham a construção do cordel. A minha produção é mais virtual, escrevo no site Recanto das Letras,

mas sempre que aplico oficinas de cordel entrego aos alunos alguma obra minha no estilo de folheto e uma cartilha com uma síntese do cordel: antecedentes, origem, referências no Brasil, estilos, estruturação de rimas, metrificação e etc.

A maior referência, no entanto, é mesmo o poeta paraibano de Pombal, Leandro Gomes de Barros, patrono da Academia de Cordel do Vale do Paraíba – ACVPB. Explica Sander Lee que a Academia nasceu em Itabaiana, em 2015, por ocasião do sesquicentenário de nascimento do grande vate. A propósito, os cordelistas da Escola de Leandro Gomes de Barros comemoram o Dia Nacional dos Cordelistas em 11 de novembro, dia do seu nascimento, embora outras correntes comemorem o dia 1º de agosto.

Falando sobre acervos, Sander Lee destaca que o de Literatura Popular em Versos da Fundação Casa de Rui Barbosa disponibiliza mais de 9 mil folhetos de cordel, desses 2.340 foram digitalizados. Já o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular disponibiliza uma Cordelteca com 7.176 folhetos de cordel. O site da Academia Brasileira de Literatura de Cordel possui uma ampla coleção de folhetos digitalizados e oferece informações a respeito da história do cordel e biografia de grandes cordelistas.

“Quanto à preservação da memória do cordel no Brasil, agora com o seu registro como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, pelo IPHAN, vemos com muito bons olhos. Sabemos que é uma luta antiga e essa vitória demonstra que o cordel está vivo e pujante. A Academia se tem juntado aos escritores nesse propósito da memória”, afirma Lee.

Segundo ele, a professora Rosilene Melo, da UFCG, percorreu o Brasil todo, reunindo-se com os escritores, através do IPHAN, para discutir o registro do cordel e do repente. Para se ter uma ideia, somente na Paraíba houve o envolvimento dos seguintes pesquisadores da UFPB, na preservação da memória do cordel: Maria Elizabeth Baltar C. de Albuquerque, Bernardina Maria J. Freire de Oliveira, Izabel França de Lima, Eveline Filgueiras Gonçalves, Fabiana da Silva França, Sale Mário Gaudêncio, autores do livro *Na memória da tradição: fontes de informação em literatura de cordel*, Manuela Eugênio Maia, Beliza Áurea e outros. ►

## ▶ O CORDEL NO MUNDO VIRTUAL

O cordel chegou ao mundo virtual. E tem muitos sites que propagam essa história. Para Sander Lee, chegou e com muita força. “Particularmente – continua –, eu, que tive toda uma vivência com o cordel, ouvindo José Costa Leite cantar e vender os seus folhetos na feira de Itabaiana, vendo o meu pai reunir a família para cantar o cordel, nos fins de tardes, ouvindo os embates entre Mocinha de Passira, Ivanildo Vila Nova, Severino Dias, Oliveira de Pannels e tantos outros, nas barracas da feira livre, somente vim ter um aprofundamento na forma do cordel através das Comunidades de Cordel do antigo Orkut. Ali conheci verdadeiros mestres como o Compadre Lemos, Sebastião Cirilo, Oliveira do Cordel, Damião Metamorfose, e alguns noviços, como Marcelo José Gomes da Costa, Luciene Soares, Ivan Soares, que hoje produzem folhetos de excelente qualidade”.

E completa: “Ainda hoje nos consideramos um cordelista virtual, não obstante editar no suporte papel, para entregar aos alunos durante as oficinas. Escrevemos no Recanto das Letras, <https://www.recantodasletras.com.br/autores/sanderlee>, onde disponibilizamos 1.371 textos, entre cordéis, sonetos, crônicas, discursos, no formato creativecommons, que poderão ser utilizados a qualquer momento por professores, pesquisadores, alunos, poetas e apologistas, desde que citem a autoria. Esses textos já receberam mais de 56 mil leituras e temos autorizado a utilização sempre que pedem. Hoje o xodó dos poetas virtuais tem sido o WhatsApp, porém o Facebook também é muito utilizado para publicações e pelepas entre os cordelistas”.

Sander Lee esteve, por dois mandatos, à frente da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, onde trabalhou pela valoriza-



FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET

*O paraibano José Costa Leite é cordelista, xilogravurista e autor de almanaque popular*

ção da Literatura de Cordel. De janeiro de 2015 a setembro de 2018, firmou parcerias culturais com a Funesc, Sesc, Academia Paraibana de Letras, Fundação Casa de José Américo e levou o cordel para várias escolas de João Pessoa e do interior.

Atualmente, numa realização do Centro Cultural Ariano Suassuna – TCE/PB e da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, apresenta o Sarau Poemas e Cantos da Cidade, nas últimas quintas-feiras de cada mês.

Ainda durante a sua gestão, os poetas Josafá de Orós, Fábio Mozart, Thiago Alves, Dalmo de Oliveira e Sander Lee receberam a comenda “Embajador de laPalabra”, do Museu de laPalabra, de Madrid, Espanha, “Por su defensa de laPalabra como Vinculo de laHumanidad”. A direção da ACVPB já tem novo presidente, o poeta Marconi Araújo.

Entidades como a ACVPB são importantes para a manutenção da tradição do cordel e da ampliação dos espaços para essa arte, inclusive no mundo virtual. O poeta Lenilson Oliveira, radicado em Cajazeiras, insere o cordel como ícone da cultura popular nordestina,

uma das mais conhecidas e estudadas manifestações artísticas brasileiras no mundo, sobretudo na Europa, mas que ainda a carrega a pecha de uma cultura menor no nosso próprio país. “Da mesma forma que o ‘baião’ gonzagueano e os nossos poetas repentistas, a não ser que caiam nas graças de grandes empresários musicais ou produtoras, como temos casos recentes. Será que alguns acadêmicos de Letras, dependendo do professor de literatura ou cultura popular, tenha ouvido falar de Patativa do Assaré, ou quem sabe de João Paraibano? O fato é que o mundo conhece o nosso cordel. E nós? Nunca é tarde para começar, ainda mais agora que ele foi reconhecido como patrimônio imaterial. Estamos no sertão. E a fonte maior do cordel está aqui. Vamos beber mais dessa fonte”, conclama. Que assim seja! ✦

**Linaldo Guedes** é jornalista e poeta. Nasceu em Cajazeiras e mora em João Pessoa (PB). Como jornalista, atuou nos principais órgãos de comunicação da Paraíba e foi editor do *Correio das Artes*. Lançou, entre outros livros, *Os zumbis também escutam blues e outros poemas*, *Tara e outros otimismo* (poesia) e *O nirvana do Eu* (ensaio). E-mail: [linaldo.guedes@gmail.com](mailto:linaldo.guedes@gmail.com).

# Carta aberta ao amigo

LUIZ AUGUSTO PAIVA DA MATA



João Pessoa, 03/12/2018

# M

eu caro Paiva, vez por outra o amigo me perguntava se eu me lembrava de Pacheco, personagem imortalizado por Fradique Mendes. Certamente eu me lembrava, mas as minhas leituras desta memorável ficção de Eça de Queirós, que atende pelo nome de *A correspondência de Fradique Mendes*, remontavam aos anos em que me dediquei ao ensino das Literaturas Brasileira e Portuguesa. Desse tempo guardava pouco na memória, como a enfática afirmação de que devemos falar “nobremente mal, patrioticamente mal, as línguas dos outros!”, além daquela outra que exprime um

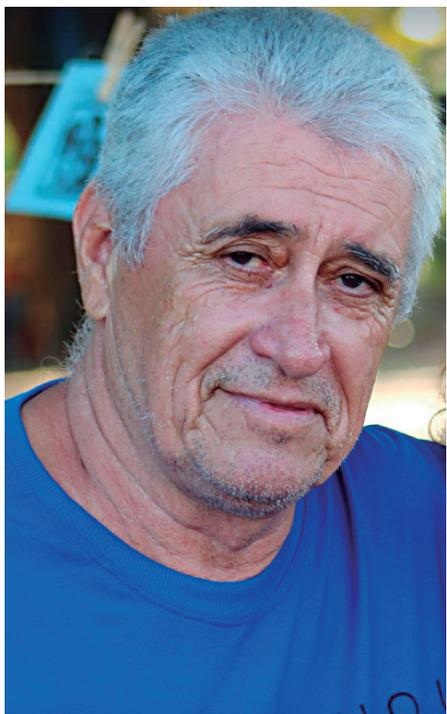
certo cinismo niilista, traduzido na máxima sobre uma possível nova vinda de Cristo, que nada resolveria, restando a cada um de nós, por prudência, “reunir um pecúlio e adquirir um revólver; e aos seus semelhantes que lhe baterem à porta,

dar, segundo as circunstâncias, ou pão ou bala”. Ao que parece, o nosso Fradique tinha um certo poder profético, que observaremos, em outra oportunidade, em suas cartas.

Instigado e instado pelo amigo, dediquei-me, portanto, nesta última semana de novembro, à releitura da correspondência de Fradique Mendes e descobri, maravilhado, como Eça de Queirós nunca me decepcionou. Longe de ser obra menor e enfadonha, por seu caráter epistolar, impressão que talvez tenha tido há trinta anos, as cartas de Fradique são de uma riqueza literária ímpar, em que habitam, lado a lado, vários assuntos mundanos e sagrados, provocando supremo deleite no leitor avisado, tantas são as referências ali presentes.

Recomendo, pois, não só a leitura, mas sobretudo a releitura dessa obra, cuja denominação pura e simples de *Biografia imaginária* é insuficiente para dar conta de sua grandeza. Recomendando-a, não antes de o leitor passar pelo perfil de Fradique Mendes, criado pelo nosso Eça de Queirós e que antecede as cartas, tanto quanto ele criou a sua magnífica correspondência, pois precisamos conhecer o Fradique português de alma parisiense, que foi, ainda rapaz, “estudar Direito nas cervejarias que cercam a Sorbonne, à espera da maioria que lhe devia trazer as heranças acumuladas do pai e da avó”; o Fradique que habitou a Rue de Varennes, desde 1880, e jaz no Père Lachaise, este grande cemitério parisiense, que abriga as maiores celebridades, não longe da sepultura de Balzac e, eu completo, da de Allan ▶

FOTO: DIVULGAÇÃO



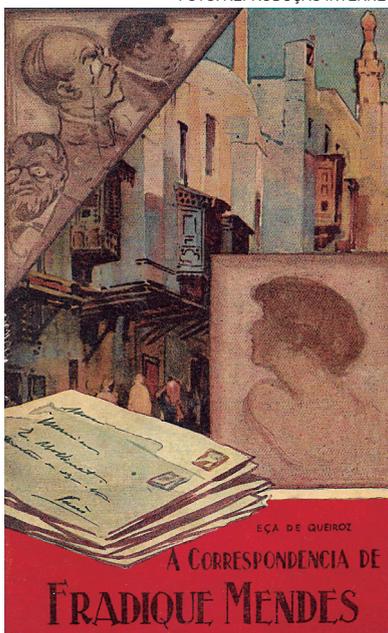
Luiz Augusto Paiva é professor, cronista e editor da revista Tamarindo. Faz parte da confraria sabática da Livraria do Luiz

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET

► Kardec, a meio caminho da vida literária e da espiritualidade, assim suponho. Um Fradique que antecipou o nosso Jacinto de *A cidade e as serras*, residindo no 202, Champs-Élysées, para ele, Jacinto, o centro do mundo.

Precisamos, meu amigo Paiva, difundir quem é este Fradique, que conheceu e conviveu com Baudelaire, Hugo e Gautier! e dessa convivência não auferia qualquer lucro, tratando-a como coisa cotidiana e rotineira. Fradique, o viajor incansável, que esteve mesmo no Brasil e longamente se demorou pela América do Sul, como se demorava na Ásia e África, mas voltava para o descanso na sua velha e atrativa Paris. O Fradique, que antecipando deliciosamente Einstein, declarava da sua posição de grande *flâneur* e *bon vivant* que “a distância mais curta entre dois pontos é uma curva vadia e delirante!”. Aquele Fradique que sabia ver valor até na bisbilhotice, pois tudo na vida “vai do reles ao sublime” e que entendia o que todos consideram um mau costume, como “um impulso humano de latitude infinita, que, por um lado, leva a escutar às portas – pelo outro a descobrir a América!”. Um Fradique para quem “a náusea suprema vem da politiquice e dos politiquetes”. Como negligenciar a existência desse personagem tão marcante e deixar de perceber, meu amigo Paiva, nessa simples frase uma atualidade gritante?

Quão Fradique, ciente de sua efemeridade, é diferente de seu confrade e talvez parente, Gonçalo Mendes Ramires, saído de algum ramo da genealogia da árvore frondosa que é a Casa dos Mendes, descendendo do navegador D. Lopo Mendes! Fradique que não desejava restaurar os valores fidalgos do velho Portugal e sequer possuía uma torre de que sua descendência se orgulhasse, preferindo Paris a uma Lisboa que “só lhe agradava como paisagem” e se lhe sabia “traduzida do francês em calão”! Rico, Fradi-



Capa de uma das edições de *A correspondência de Fradique Mendes*

que não tem as dívidas de nosso Gonçalinho; desdenhando a politicagem, não precisa fingir-se escritor para galgar falsa posição intelectual e com isto abocanhar uma cadeira em São Bento. Fradique, prefere a vida, “precisando sempre findar o seu dia entre o efêmero feminino”. Nada de glórias eternas a serem restauradas, a partir de hostes que se barbarizam por dá cá aquela palha. Nada, também, das tragédias íntimas e familiares, que envolvem a casa

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



*Eça de Queirós (1845-1900), autor de A Correspondência de Fradique Mendes (1900)*

dos Maias. Apenas o prazer da vida a ser libado.

Que outro atribuiria aos barbeiros essa digna função de “informadores universais da coisa pública”, meu querido Paiva? Ou definiria acertadamente os jornais portugueses da sua época como “fenômenos picarescos de decomposição social”, definição que vale para os nossos tristes dias? Que outro sorriria às mulheres com o mesmo “encanto e prestígio com que sorriria à fadiga, ao perigo e à morte”, e ainda, como disse Raimundo Ortigão, “leria Sófocles no original”, sem se gabar das proezas da conquista feminina ou do saber complexo da tragédia grega, meu amigo?

Atentaste alguma vez para o Fradique comprometido com a tolerância e a misericórdia, que “consciente da universal fragilidade, perguntava donde se erguerá a mão bastante pura para arremessar a primeira pedra ao erro”? Que diria, meu amigo, o nosso Fradique se visse à nossa época tantos que arremessam pedras, sem esperar a constatação da existência do erro do seu semelhante? Lembra-te do Fradique filantropo, mas que abominava “o

desenvolvimento ruidoso da filantropia”, por sinal evidente de egoísmo? O quanto estaria o nosso amigo lusitano escandalizado nos dias de hoje, de fari-saísmo tonitruante...

Não há como condenar ao esquecimento o Fradique consciente do que escrevia, mas que não devia ser publicado, atirando tudo para dentro de um cofre, a que chamava *vala comum*, esta, uma de suas facetas que me dão saudades, neste tempo em que qualquer pessoa que junta duas palavras, ainda que de maneira claudicante, alardeia a sua veia literária aos quatro ventos. Este Fradique que, à maneira de nosso amigo comum, William Costa, não gostava de exhibir-se; de vida “governada por um tão constante e claro propósito de abstenção e silêncio, e a quem tanto seduzia a máxima de Descartes – *Bene vixit qui bene latuit* – Bem viveu, quem bem se escondeu.

Não poderia terminar, meu querido Paiva, sem falar do Fradique que amava o povo, amava-o pelas suas contradições flagrantes, amava-o pelas suas qualidades e seus defeitos, “povo que não mudou, como não muda a Natureza que o envolve e lhe comunica os seus caracteres graves e doces”. Como definir essa massa melhor do que Fradique o fez, amando-a “pela sua morosa paciência de boi manso; pela alegria idílica que lhe poetiza o trabalho; pela calma aquiescência à vassalagem com que depois do ‘Senhor Rei’ venera o ‘Senhor Governo’, pela sua doçura amaviosa e naturalista; pelo seu catolicismo pagão – amo estas ironias com sabor de oxímoro do estilo de Fradique! –, e carinho fiel aos deuses latinos, tornados santos calendares, pelos seus trajes, pelos seus cantos...”. Quem mais, senão Fradique Mendes sairia em defesa do povo, contra as filosofias dos políticos, buscando uma ação prática e real, quando ação é o que se pede em lugar do palavrório vazio,



que parece estar em defesa de quem precisa, mas que se esgota logo terminado o discurso? Fradique, sabiamente, mostra a diferença entre falar e fazer com uma das máximas que o eternizou – à hora das comidas mais vale um pataco na mão que duas filosofias a voar.

Por enquanto, meu amigo, são estas as pérolas de nosso Fradique Mendes, colhidas à leitura de seu perfil por Eça de Queirós. Em outra oportunidade, gostaria de continuar a nossa conversa, afinal, como diz Fradique, “Somos latinos e temos nós, hereditariamente e irreparavelmente, toda a secular tagarelice do *Forum Romanum*”, desta feita a partir do que ele próprio escreveu, a partir daquilo que consta em sua correspondência, como os perfis notáveis do Pacheco, esse gênio das coisas que nunca disse; do Pinho, preocupado apenas com os seis por cento que o estado lhe paga pelas suas aplicações; do padre Salgueiro, que entendia sua função eclesiástica não mais do que a do burocrata a serviço do

Estado: batizar, casar, enterrar, para a manutenção da ordem, ou do perfil do purista, a quem nosso Fradique detestava, mas que tinha consciência de que não deveríamos extingui-lo, mas “estudá-lo como um caso de patologia social”. Não deixaremos, principalmente, de tecer comentários, para usar um dos magistrais oxímoros do próprio Fradique Mendes, sobre essa “virtude da malignidade” do jornalismo e da doutorice brasileira.

Exulto, enfim, por encontrar alguém mais do que os meus queridos Gonzaga Rodrigues e Hildeberto Barbosa Filho, com quem posso conversar sobre este incontornável e monumental escritor que é o Eça de Queirós.

Grande abraço,  
Milton

Milton Marques Júnior é professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).

## Cheiro de Café

Com as intermitências da senilidade  
Fazendo-lhe aos poucos surgir a razão  
Pondo lentamente a lenha no fogão  
Lembrou-se da vida na tenra idade

Sustentando as pernas com dificuldade  
Se recordou que aqueles troncos no chão  
Serviam como cenário de punição  
Aos que desafiavam a autoridade

E ao ver a brasa do fogo avermelhado  
Lembrou do corpo do negro ensanguentado  
Não mais conseguindo se sustentar em pé

Mas ao perceber que já fervia a panela  
Pôs sobre a bandeja talher e baixela  
Para servir aos seus senhores o café.

## Raízes

Sou o extermínio fruto da invasão  
que pôs em guerra um mundo pacificado.  
É o meu dorso que sangra chicoteado,  
somado às dores de saudade do torrão.

Fui quem decidiu lutar por libertação  
e por isso tive o corpo estraçalhado.  
Sou aquele que espera com aflição  
O fim dos gritos antes de ser torturado.

Sou o trabalhador sem terra pra plantar,  
um ser humano impedido de amar,  
a que nem sob o corpo pode decidir.

Eu sou a humilhação, a morte e a dor,  
sou o misto de coragem e de pavor  
que toma a vida de quem ousa resistir.

## De sonho e de flor

Do que adianta nutrir um universo,  
Procurar a luz nas profundezas de si,  
Esquecer o mal que porventura senti,  
Transformar o feio do mundo em verso?

Pra que reinterpretar o que é inverso,  
Continuar no que sempre eu insisti,  
Convidar o que nunca quis ficar aqui,  
Reiterar aquilo que sempre foi perverso?

Por que lutar pelo que quer ser derrotado,  
Querer beijar o que quer ser violentado,  
Ignorar o que não deixa de ser dor?

Por que razão falar ao que quer ser calado,  
Embalsamar o que não quer ser perfumado,  
E regar a semente que não quer ser flor?

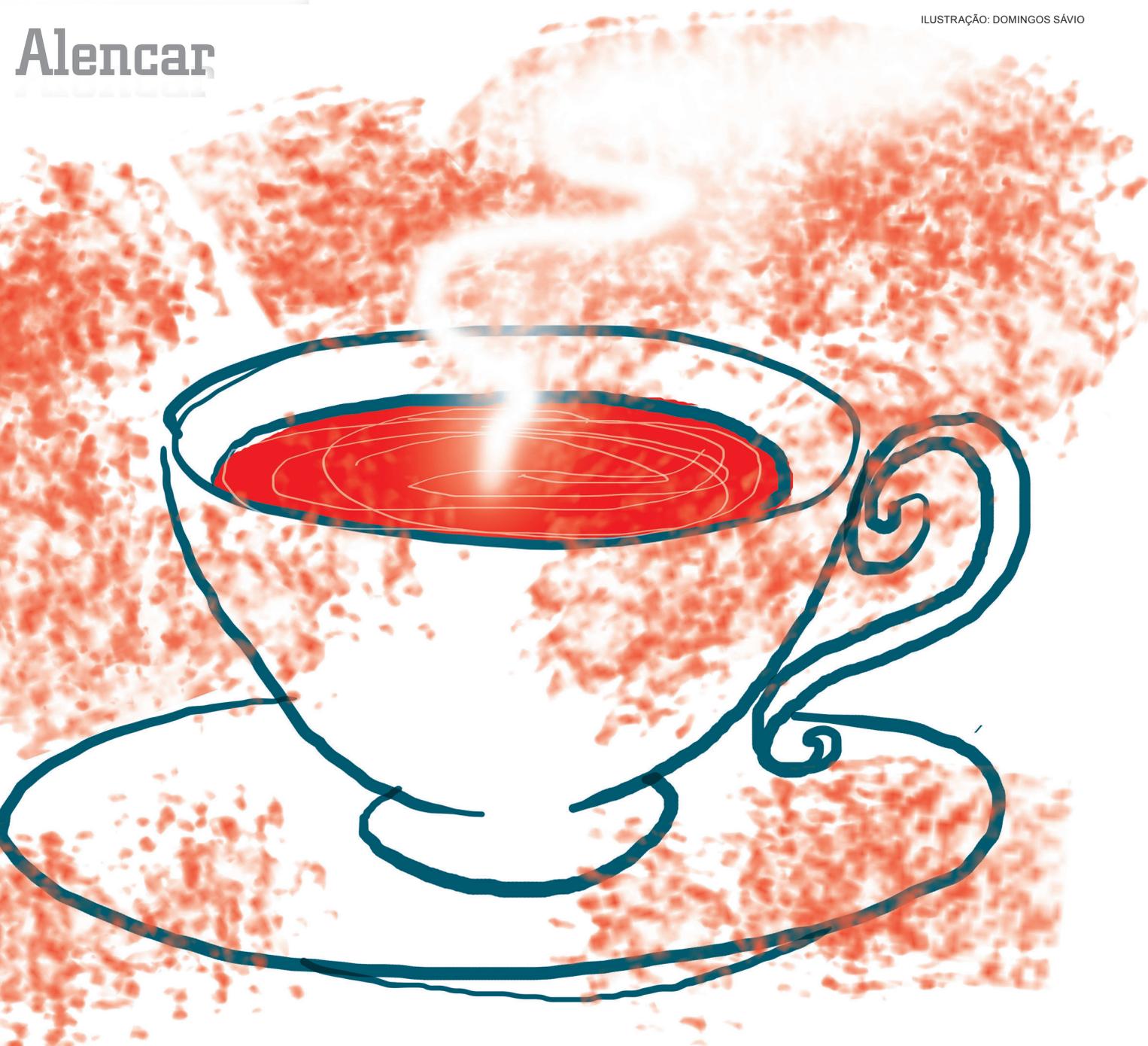
## Balada

Tal como um Prometeu a penar,  
sinto a cada dia o torpor  
de perceber no meu interior  
um suplício a se eternizar.

Como um fogo que queima devagar  
me consome com todo o furor  
essa saudade que se faz impor  
como uma tortura a se renovar.

Sei que tenho que suportar o fardo  
de ser cela e também condenado  
a cumprir pena por toda a vida

levando dentro de mim guardado  
a mágoa futura de um passado  
que antes estava adormecida.



### Soneto

Tendo sido tantas as bifurcações  
que na vida já tive ultrapassado  
Certamente segui equivocado  
em alguma de tantas direções.

Tendo ponderado muitas razões  
ou sendo demasiado apressado  
Agora me encontro encarcerado  
no calabouço dessas decisões.

E em todos os passados que cruzei  
já não há as pegadas que deixei  
tendo sido pelo vento levadas.

E já não há no Jardim que plantei  
As veredas pelas quais eu passei  
por estarem para sempre fechadas.



**Manoel César de Alencar Neto**, advogado, 28 anos, é natural de João Pessoa (PB). É formado em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, Campus III), em Guarabira, onde também coordenou a Escola Superior da Advocacia - Paraíba.

## Sérgio de C

**arte & vida**

o poema  
como um  
supositório  
de menta?

não quero.

tampouco  
como um  
caramelo  
de hortelã.

muito menos  
ornado  
com berloques,  
miçangas,  
balangandãs.

e a vida?

ah, eu a quero  
comprida,  
cheia de lero-leros  
e de penduri-  
calhos,

que as cartas  
da vida e da arte

não pertencem a um mesmo baralho.

**o fotógrafo morto**

(Diante de uma foto minha  
de autoria do saudoso amigo  
Eurico Vieira Carneiro).

por mais que jaza  
sob sete palmos,

o insepulto olho  
do fotógrafo morto  
ainda me espia:

abre-se (zoom!)  
em forma  
de fotografia.

**porto inativo**

entre mastros,  
docas  
e calados,

o silêncio  
dos guindastes:

espantalhos  
de gaivotas

espreguiçando as tardes.

**Improviso (II)**

se nas tuas lágrimas  
bebo a tua sede de mim,  
quando ardo em febre  
devoro o sótão que me apavora  
e deliro mágicas lebres  
extraviadas de uma cartola.

sou um tênue e frágil talo pendente  
debruçado sobre as águas de um rio.

sequer tenho margens, apenas frio...

**jogo frugal**

sapoti! sapoti! sapoti!  
morcego! morcego! morcego!  
amor cego por ti!  
amor cego por ti!  
amor cego por ti!

não escrevi à faca  
o teu nome  
no tronco do sapotizeiro,  
mas na raiz.

na mais profunda raiz de mim mesmo.

## Castro Pinto

**eu, cremado**

quando eu morrer,  
o que será de mim?  
serei pó-de-mico  
ou de pirlimpimpim?

**bodas de prata**

das cinzas quentes  
do teu borralho  
renasço pênix  
de cabo a rabo

**o jaguar**

o jaguar  
chegou  
de si mesmo:

deixou o rastro das patas no pelo.

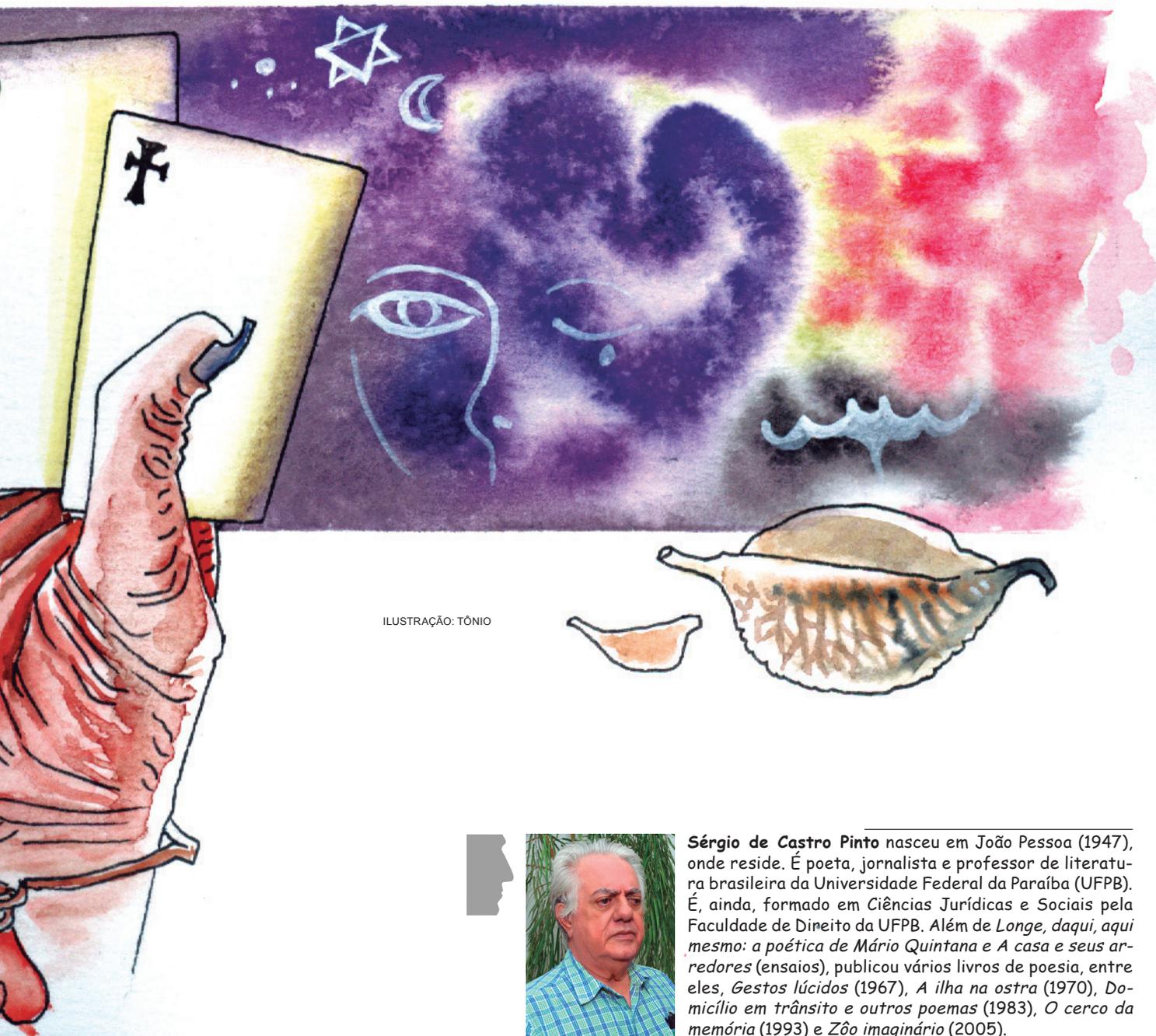


ILUSTRAÇÃO: TÔNIO



**Sérgio de Castro Pinto** nasceu em João Pessoa (1947), onde reside. É poeta, jornalista e professor de literatura brasileira da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É, ainda, formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da UFPB. Além de *Longe, daqui, aqui mesmo: a poética de Mário Quintana* e *A casa e seus arredores* (ensaios), publicou vários livros de poesia, entre eles, *Gestos lúcidos* (1967), *A ilha na ostra* (1970), *Domicílio em trânsito e outros poemas* (1983), *O cerco da memória* (1993) e *Zôo imaginário* (2005).

## Glauber de Oliveira

### Assim disse o Desaparecido:

“Confúcio, onde quer que Vós estejais,  
 Eu dirijo-Vos as minhas palavras,  
 Confúcio, homem perfeito,  
 Vós deveis mostrar para nós  
 A imagem do mais forte,  
 Aquele que nasceu para governar,  
 Aquele que nasceu para mandar em todos,  
 Confúcio, homem da virtude perfeita,  
 O que é o dragão Lao Tsé perto de Vós?  
 Ele é tão alto quanto Vós  
 E Vós não sois menor que Ele,  
 Já que de dragão fostes Vós que O chamastes.  
 Dragão: maior símbolo da China!  
 Confúcio, Vós sois também tão grande,  
 Vós também sois o próprio dragão!  
 Nascestes para mandar,  
 Nascestes para governar  
 E se isso não se deu,  
 Se não fostes o sábio-salvador  
 Pelo menos ainda entre nós estais  
 Foi Vossa a China!  
 É Vossa a China!  
 É Vós a China!  
 Se mais místico é o velho Lao,  
 Logo mais habitante do perfeito,  
 Vós sois o homem propulsor,  
 O maior homem público,  
 Exemplo de maior homem público!  
 E será menor a utilidade?  
 Logo não sois menor que o velho Lao,  
 Nem também menos divino,  
 Já que também se confundem humano e divino.  
 Confúcio! Confúcio! Confúcio!  
 Glórias a quem teve como discípulo, Yen Hui  
 Ah, Hui, Ah, Hui!...  
 Tão grande foi teu mestre magnânimo.  
 Lamentou muito a tua morte,  
 Só tu realizarias a virtude!  
 Apenas desta vez Confúcio chorou.  
 Que seu exemplo seja ouvido por todos!  
 Admirável Confúcio!  
 Admirável homem que educou Yen Hui!”

ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO



**Glauber Frank Batista de Oliveira** é poeta. Possui graduação em Ciências Sociais (bacharelado) e Filosofia (bacharelado e licenciatura) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde, no ano passado, iniciou graduação (licenciatura) em Ciências Sociais. Tem, ao todo, três menções honrosas em poesia de instituições literárias meritórias do Brasil. Mora em Olinda (PE).

## Eduardo Dalter

Dois poemas enquanto recrudescer o frio\*

### O velho trem

Saudação a Count Basie  
e a Carl Sandburg

Por estas mesmas vias  
passava o velho trem.

Das enevoadas fábricas  
os trabalhadores o saudavam

como a uma aparição  
longínqua  
com os sonhos e os olhos.

Por estas mesmas vias  
atravessando favelas

sonolentas e cercadas,  
passava o velho trem

lançando densas baforadas  
contra o céu

como um duende  
que vai rasgando o silêncio

com um eco dolorido  
de trombone e clarinete.

Por estas mesmas vias,  
pouco antes do amanhecer,

passou como uma estrela  
repentina,

cachecol ao pescoço,  
largo chapéu

queixo sempre levantado,  
a bela Chick Lorimer,

com uma pequena mala,  
um perfume, um livro,

e como um exalar  
do inominável.

Por estas mesmas vias  
passava o velho trem.

Brooklyn, Junho, 1998



ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SAVIO

### Caracóis sobre a prateleira

Eu nunca jamais vivi em Güiria nem pernoitei  
em Irapa  
nem conheci as remotas costas de Macuro,  
embora estas fotos desbotadas me desmintam.  
Nem mesmo comi carne assada com mandioca nas  
orlas  
de Manzanares, nas noites mornas do Caribe,  
embora por anos estivessem sobre a margem  
três estranhos caracóis e uma moeda que  
alguém  
tomou como sua e a levou. Nem retornei  
pela manhã  
em um dia nublado de outubro ou de novembro:  
parecia  
em verdade que sempre estive aqui, entre estas  
oito paredes, também desbotadas, olhando  
como a vida que imagina, ilumina e nos sopra  
como uma folha que o vento esconde  
finalmente  
em alguma paisagem onde nunca chega o sol.

\*Poemas traduzidos do espanhol para  
o português por Ronaldo Cagiano



Eduardo Dalter nasceu em Buenos Aires, Argentina, em 1947. É poeta e investigador cultural. Tem poemas publicados em importantes revistas culturais e jornais de países latino-americanos. É autor de vários livros, entre os quais aviso de empleo (1971), en la medida de tus fuerzas (1982), las costas del golfo (1995), la gente está en la calle (2002) e nidia (2007).

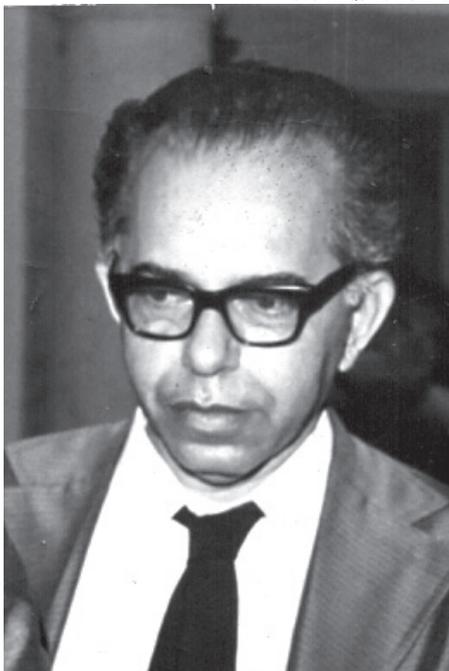
# Eduardo Martins: Homem de ciência E SENSIBILIDADE POÉTICA



## DADOS BIOGRÁFICOS

**E**duardo Martins da Silva nasceu em Goiana (PE), em 13 de outubro de 1918. Filho de Francisco Martins da Silva e de Jovita Monteiro da Silva, iniciou o Curso Primário na cidade natal, na escola particular do professor Guilherme Feijó, concluído, sob a orientação da professora Emerentina da Gouveia Coelho, em João Pessoa, então Paraíba, onde, a partir dos 10 anos de idade, veio residir definitivamente. À época do segundo grau, realizado no Liceu Paraibano, publicou seu primeiro livro de poemas, intitulado *Céu cheio de estrelas*. Atuou como revisor e redator auxiliar, em jornadas noturnas, em *A União*, tendo, inclusive, por alguns períodos, editado o Suplemento Literário "Correio das Artes", em sua primeira fase. Mesmo tendo ingressado no quadro de funcionários da

FOTO: ARQUIVO A UNIÃO



*Eduardo Martins publicou seu primeiro livro de poesia, Céu cheio de estrelas (A Imprensa), em 1936*

Caixa Econômica Federal, nunca se afastou das atividades de pesquisa. Poeta, tradutor, bibliófilo, antologista, historiador, organizador editorial, Eduardo Martins dedicou toda a sua vida aos livros, construindo uma das mais completas bibliotecas particulares do estado. À criação poética, de que lhe vieram muitos títulos, adicionou minucioso e fecundo trabalho de investigação

histórica em torno de assuntos locais, sobretudo voltados para o campo da Imprensa e das trajetórias intelectuais de algumas personalidades, a exemplo, entre outros, de Coriolano de Medeiros, Eliseu César, Cardoso Vieira, José Lins do Rego e o Padre Azevedo. Membro de diversas instituições culturais, das quais podem se destacar o IHGPB – Instituto Histórico e Geográfico Paraibano – e a APL – a Academia Paraibana de Letras. Autor de uma vasta e variada obra acerca de temas paraibanos, Eduardo Martins é fonte de consulta obrigatória, pela precisão e rigor informativos com que definiu os objetos de estudo de suas incansáveis pesquisas. Aos 72 anos de idade, no dia 15 de outubro de 1990, vem a falecer, vítima de um acidente vascular cerebral.

## INTRODUÇÃO CRÍTICA

A contribuição intelectual de Eduardo Martins, no que concerne ao conhecimento da realidade cultural da Paraíba, distende-se por algumas áreas específicas do saber. Considerando o conjunto de sua obra editada, vejo, em especial, três setores bem definidos, ou seja: os estudos históricos sobre a imprensa paraibana; os perfis biobibliográficos e a poesia, a que se associam os trabalhos de tradução e o esforço do antologista.

Em qualquer desses campos de >

▶ atuação cognitiva, o pesquisador acerca-se de seus respectivos objetos formais de estudo rigorosamente comprometido com aquilo que costume denominar de ética da informação. Seja traçando as linhas biográficas de personalidades notáveis do universo cultural, seja rastreando os alicerces históricos de algum periódico, seja se exercitando no enigmático processo de tradução poética ou na seleção de textos, Eduardo Martins se comporta com o zelo e o cuidado peculiares ao autêntico investigador de fontes primárias e secundárias, no ensejo de cooperar para a descoberta de aspectos novos e ignorados no âmbito da matéria de seu interesse.

Factualista, não resta dúvida, mas um factualista que possui o raro senso de organização da cultura, na medida em que, debruçado sobre documentos originais, recontextualiza o sentido das origens dos fenômenos, situando-os precisamente no tempo e no espaço, como deve fazê-lo todo lúcido historiador. O próprio José Octávio que, em estudo introdutório a *A tipografia do Beco da Misericórdia* (1978), fundado em ideias de Macaulay, discorda, a princípio, do método empregado por Eduardo Martins, adiante reconsidera, no entanto, que o “factualismo, bem manejado e encarado como técnica de pesquisa mais do que como leitura de toda Historiografia, faz-se profundamente válido”.

Ora, é exatamente este o princípio que rege o sentido da pesquisa no autor em tela. A preocupação com os dados, o trato minudente dos documentos, a lógica interna das informações, a regulação hierárquica das fontes, enfim, o critério ético do obstinado rigor, legado de Leonardo Da Vinci e exaltado por um Paul Valéry, se não se materializam na exegese do processo histórico e na leitura crítica, delimitam, todavia, com rara precisão e rigor descritivo e cronológico, os fatos, as personalidades e as instituições analisados. Por isso mesmo, para se conhecer, por exemplo, a história do jornal **A União**, da *Gazeta Paraibana*, do *Bossuet da Jacoca*, assim como os elementos da formação cultural de um Eliseu César, de um Coriolano de Medeiros e de um Padre Azevedo, entre outros, temos de

consultar as páginas de Eduardo Martins. Se não tudo, quase tudo, lá se encontra no frescor original das fontes primárias.

As novas gerações estudiosas devem muito ao labor beneditino desse pesquisador silencioso e solitário que, do espaço sereno de sua biblioteca, acostada ao sabor ecológico da Mata do Buraquinho, nos arredores do Bairro de Jaguaribe, ofertava lições de conhecimento e sabedoria, sobretudo de sabedoria. A sabedoria dos livros, a sabedoria da memória, a sabedoria da conservação dessa memória, principalmente da memória livresca, ou seja, essa memória paterna, porque patrimônio de origem. Memória viva, vívida, que se cristalizou nos seus múltiplos livros publicados.

Quer no terreno das preocupações racionais das abordagens científicas, quer no território das inquietações intuitivas da criação poética, Eduardo Martins parece se conduzir por uma regra uniforme, onde a paciência e a serenidade, irmanadas ao olhar curioso de quem ama o passado e, mercê disso, quer, portanto, conhecê-lo mais a fundo, constituem as bases psicológicas e existenciais do ato de pesquisar e do ato de criar poeticamente. À semelhança de um Euclides da Cunha, em quem um José Veríssimo viu um homem de ciência e uma sensibilidade poética, Eduardo Martins, em perspectiva local, é nome decisivo e referência fundamental para os que desejam ler melhor a vida cultural da Paraíba.

Iniciou-se, nos anos 30 do século passado, como poeta, dando à lume a coletânea *Céu cheio de estrelas* (1936), a que se seguiu uma série de obras poéticas, das quais se podem destacar, entre outras, *Lua de outono* (1942), *Canto da amada ausente* (1943), *Acalanto* (1968) e *Solitude* (1970).

Sua poesia, de índole contemplativa e de sugestões elegíacas, a certa altura procura aderir ao minimalismo oriental, opção em que se torna mestre, não somente pela desenvoltura com que move os apelos vérsicos do *haikai* e da *tanka*, mas também pelo esforço didático a que se dedica, organizando antologias, a exemplo da *Breve Antologia Brasileira do Hai-Kai* (1954), e realizando traduções, tais

como as dos poemas de Hölderlin, Langston Hughes, Nâzim Hikmet e de alguns poetas franceses.

Há quem diga que Eduardo Martins, esgotada a veia poética, passou a dedicar-se aos estudos históricos. Creio que se faz necessário rever esta posição. A consulta a sua vasta bibliografia demonstra que a operação tradutória, em certo sentido também uma tarefa criativa, e criativa poeticamente, continuava em pleno vigor nos fins dos anos 70 e começos dos anos 80, além de contarmos, pelo que informa Diana Carmen Martins de Assis Ferreira, em *Eduardo Martins da Silva: Notícia bibliográfica* (João Pessoa: Innprell, 1998), com duas obras inéditas, a saber: *Canto em surdina: Toda a poesia e poemas errantes: Poemas traduzidos*.

Ao poeta e tradutor deve se juntar o antologista, o leitor e o bibliófilo, para que se configure, de maneira justa e completa, o perfil intelectual desse digno homem de letras a quem a Paraíba muito deve. Encerro esta introdução, listando os títulos de alguns livros que ficaram prontos, mas que não foram publicados, o que me parece um grande prejuízo para nossa memória cultural e uma enorme lacuna no terreno dos ensaios históricos. São eles, conforme a obra supracitada:

– *Poetas da Paraíba. Notas biográficas. Antologia* (Séc., XVIII, XIX e XIX)

– *A Caixa Econômica Federal. Contribuição para a sua história na Paraíba (1874–1972)*

– *Academia Paraibana de Letras. Subsídios para a sua história. Patronos e acadêmicos (1941–1972)*

– *Estabelecimento da arte tipográfica na Paraíba. Origem e desenvolvimento (1918–1972)*

– *Notas de um constante leitor. Para uma bibliografia paraibana. Pseudônimos – Ex-libris – Obras raras – Paraibanos na Academia Brasileira de Letras – Índice de artigos de jornal*

– *Instituições culturais paraibanas (1892–1941).*

LISTA DE OBRAS

1936

*Céu cheio de estrelas*. João Pessoa: A Imprensa, 1936, 93 p.

1937

*Poemas*. João Pessoa: A Imprensa, 1937, 75 p.

1939

*Poemas da hora incerta*. João Pessoa: A Imprensa, 1939, 38 p.

1941

*Integração*. Precedido de *Poemas* e *Poemas da hora incerta*. João Pessoa: A Imprensa, 1941, 69 p.

1942

*Lua de outono: Hai-kai*. João Pessoa: Edição do Autor, 1942, 72 p.

1943

*Canto da amada ausente: Poema*. João Pessoa: s/editor, 1943, 20 p.

1947

*Poemas (1937–1945)*. Seleção, acrescida de *Canto da angústia e da esperança*. João Pessoa: s/editor, 1947, 103 p.

1948

*Novos poemas: Hai-kai (1938–1946)*. João Pessoa: A Imprensa, 1948, 124 p.

1950

*Poemas japoneses: Tanka e hai-kai*. Tradução. João Pessoa: Edição do “Correio das Artes”, 1950, 69 p.

1954

*Breve antologia do hai-kai*. João Pessoa: s/editor, 1954, 90 p.

1968

*Acalanto (1950–1966)*. João Pessoa: Gráfica Comercial Ltda., 1968, ilust., 77 p.

1969

*Ária serena: Hai-kai*. João Pessoa: Gráfica Comercial Ltda., 1969, 105 p.

1970

*Solitude (1937–1947)*. João Pessoa: Gráfica Comercial Ltda., 1970, ilust., 81 p.

*Poemas de Langston Hughes*. Seleção, tradução e notas de Eduardo Martins. João Pessoa: A Imprensa, 1970, 53 p.

*Hölderlin: 12 poemas*. Seleção, tradução e notas de Eduardo Martins. João Pessoa: Gráfica Comercial Ltda., 1970, ilust., 43 p.

1971

*Allyrio Meira Wanderley. Cadeira 37*. Discurso de Posse na Academia Paraibana de Letras. Saudação do Acadêmico Afonso Pereira. João Pessoa: Tipografia Chaves, 1971, ilust., 79 p.

1975

*Elyseu Elias César (Notícias biobibliográfica)*. João Pessoa: Nopigral, 1975, ilust., 63 p.

*Coriolano de Medeiros (Notícia biobibliográfica)*, João Pessoa: A União Companhia Editora, 1975, ilust., 73 p.

1976

*Primeiro jornal paraibano (Apontamentos históricos)*. João Pessoa: **A União Companhia Editora**, 1976, ilust., 115 p.

*Carlos D. Fernandes (Notícia biobibliográfica)*. João Pessoa: **A União Companhia Editora**, 1976, ilust., 231 p.

1977

*Quinze poemas de Nâzim Hikmet*. Seleção, tradução e notas de Eduardo Martins. João Pessoa: **A União Companhia Editora**, 1977, ilust., 59 p.

*A União: Jornal e História da Paraíba (Sua evolução gráfica e editorial)*. João Pessoa: **A União Companhia Editora**, 1977, ilust., 316 p.

1978

*A União: Jornal e História da Paraíba (Sua evolução gráfica e editorial)*. 2. ed., aumentada. João Pessoa: **A União Companhia Editora**, 1978, ilust., 338 p.

*A tipografia do Beco da Misericórdia (Apontamentos históricos)*. João Pessoa: **A União Companhia Editora**, 1978, ilust., 215 p.

*João Pessoa através de suas mensagens presidenciais (Comentários e notas seguidos da reprodução fac-similada dos dois textos)*. João Pessoa: **A União Companhia Editora**, 1978, 98 p. e anexos.

1979

*Cardoso Vieira e o Bossuet da Jacoca (Notas para um perfil biográfico)*. João Pessoa: **A União Companhia Editora**, 1979, ilust., 283 p.

*Cinco poetas da França*. Seleção, tradução e notas de Eduardo Martins. João Pessoa: **A União Companhia Editora**, 1980, ilust., 69 p.

1980

*José Lins do Rego: O homem e a obra*. João Pessoa: **A União Companhia Editora**, 1980, ilust., 425 p.

1983

*Padre Azevedo: Sua vida e seus inventos*. João Pessoa: **A União Companhia Editora**, 1983, ilust., 276 p.

*Obra poética de Peryllo Doliveira*. João Pessoa: **A União Companhia Editora**, 1983, 216 p. ✖

Hildeberto Barbosa Filho  
é poeta, crítico de literatura e  
professor da Universidade Federal da  
Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

# Imagens SONORAS

DA NATUREZA HUMANA

**Bruno Gaudêncio**

Especial para o *Correio das Artes*

“O poeta não sonha,/realiza o poema”, é assim que o campinense Willy Nascimento Silva reflete o ato do fazer poético, em sua estreia em livro: *Sobre a natureza do homem (e outros poemas)*, publicado este ano, pela Editora Xeroca!, da cidade de João Pessoa (PB). O trecho do poema em si garante certa consciência de linguagem, algo raro para um poeta estreante.

Entretanto, o fato da poesia de Willy Nascimento Silva ser consciência do ponto de vista da linguagem, não quer dizer necessariamente que ela recaia em um formalismo racional; pelo contrário, o poeta caminha por veredas do sensível, procurando captar, em imagens e sons, certo arquivo de experiências, capturado por sua memó-

ria afetiva. Temos assim um poeta universal, que aborda temas que perturbam todos os seres humanos em sua totalidade, como o medo, o afeto, a angústia, a solidão. O título, desta forma, expressa bem esse aspecto: a natureza do homem.

Constituído por vinte e cinco poemas, *Sobre a natureza do homem (e outros poemas)* tem em seu corpo quinze belas ilustrações, produzidas pelo também campinense Ludemberg Bezerra. Ilustrações bem realizadas, pois o autor possui um estilo apurado e uníssonas de linguagem visual. São figuras humanas abstratas, que lembram algo entre “o picho urbano” (presente nas ruas das capitais) e a inscrição rupestre. Marcas de certo *primitivismo moderno*, formadas às vezes por figuras humanas disformes ou traços grandiloquentes, pensadas dentro de outra natureza. É possível compreender um diálogo das ilustrações de Ludemberg Bezerra com os poemas de Willy Nascimento Silva, todavia, em vários outros momentos não, visto que reconheço uma maior autonomia dos desenhos, do que uma harmonia estética poema/ilustração.

Voltando aos poemas de Willy Nascimento Silva, o seu *Sobre a natureza do homem (e outros poemas)* possui muitas qualidades estéticas que demonstram um cuidado com a dicção poética. Seu autor se utiliza bem de recursos da linguagem, chamando atenção para a sonoridade (que inunda a sua poesia de musicalidade), criando uma cadência muito bem estruturada; e o uso de imagens, recursos visuais, que concatenadas vão expondo ao leitor certas sensações imagéticas bastante significativas.

Um exemplo desta implicação é o poema “Imagem”: “Eu, fotógrafo e poeta,/ em verso pintado na memória/ desenho teu jeito ▶

FOTOS: DIVULGAÇÃO



*Willy Nascimento Silva, autor de Sobre a natureza do homem (e outros poemas), editora Xeroca!, 2018*

Sobre a natureza do homem  
(e outros poemas)  
Willy Nascimento Silva  
Ilustrações de Ludemberg Bezerra



► de menina/ sem letras, palavras, nem cores/ pois obra fiel não resiste à história". Percebam, o próprio eu lírico se assume poeta e fotógrafo, um sujeito que vai procurar captar sensações. Ou seja, o poeta-fotógrafo olha para si e para o mundo que cerca a natureza dos outros homens. Como no primeiro poema que abre o livro *Sobre a natureza do homem*, profundo e bem elaborado tecnicamente, contendo cinco estrofes com cinco versos. Observando o outro o poeta-fotógrafo vai além, captando o lado banal humano, como no poema "Pela objetividade do poema": "como quem bebe/ como quem come/ como quem trepa".

O poeta-fotógrafo vai captando através dos recursos imagéticos e sonoros, alguns poemas-imagens que são profundamente *narrativos*. Um deles, que considero um dos melhores da coletânea, se chama "Canto negro". Com temática social, feito com uma clareza e ritmo invejável, aparece também o elemento da corporeidade: "como não restasse corpo/ e corpo somente fosse/ o rei tombava quadrado/ nas leiras da cana doce". Outros exemplos de poemas- narrativos, que se assemelham a espécie de crônicas-poemas, são: "Ascensão" e "Desamparo". Neste último, temos o verso: "As calçadas são leitões/ onde corpos bêbados/ dissimulam o frio e a fome que sentem".

Citei no parágrafo anterior a questão da *corporeidade*. Ela se apresenta em vários casos como marcas de sensualidade e erotismo, cujo corpo se expressa como produtor de desejo, sintonia afetiva e ardência sexual nas relações. Tudo produzido por uma primorosa delicadeza e sutileza. Nesta lógica as imagens do corpo feminino predominam, a exemplo de "Avessamente" e "Brancura".

Impressiona o número de vezes em que a palavra *negro* se apresenta em diversos poemas e em diferentes sentidos. Em alguns casos caracterizando pontos negativos (o desespero, a morte), em outros positivos (a beleza exótica e a negritude como identidade sociocultural).

O leitor poderá encontrar nos poemas tal movimento imagético, em "Negra flor", "Declaração do céu para a lua", "Universo" e "Poema do fim da tarde". Essa recorrência produz certo incômodo, visto que o leitor espera uma maior definição ou certa coerência de sentidos. É uma metáfora recorrente que precisaria ser mais bem utilizada, desfazendo certos lugares-comuns.

Sendo um poeta que procura quase sempre falar de si, em busca de imagens/poemas/fotografias de si, Willy Nascimento Silva em alguns poemas abusa de termos como "me" e "mim", como nos poemas "Morte do poeta", "À sombra da modernidade", "O medo" e "Consciência". Considero que tais alusões são excessivas e que poderiam ter sido cortadas, dando maior fluidez aos poemas. Todavia, esse exagero é recorrente em poetas estrepentes.

O que fica da leitura dos poemas de Willy Nascimento Silva, em seu *Sobre a natureza do homem (e outros poemas)*, é a certeza que estamos diante de um ótimo poeta, que estreou muito bem. Um autor que possui bons recursos estéticos e pode ainda colaborar muito para produção literária paraibana e brasileira, visto que sua sensibilidade, musicalidade e capacidade de captar imagens são realmente impactantes. Devo ainda destacar que a obra ganhou um significado maior na questão editorial, pelo menos para mim, visto que foi produzido como um livro artesanal, publicado por uma editora experimental paraibana. Um experimento em sentido de versos e de edição, portanto. Pois como bem disse Octavio Paz, em seu clássico *Arco e a lira*, poesia é "Cópia do real, cópia de uma cópia da ideia. Loucura, êxtase, logos. Retorno a infância, coito, nostalgia do paraíso, do inferno, do limbo... (...) bela prova da supérflua grandeza de toda obra humana". ✦

**Bruno Gaudêncio** é escritor e historiador. Como poeta publicou cinco livros, entre eles *A cicatriz que canta o incêndio da raiz* (Moinhos, 2018). Mora em Campina Grande (PB).



**O que fica da leitura dos poemas de Willy Nascimento Silva, em seu *Sobre a natureza do homem*, é a certeza que estamos diante de um ótimo poeta, que estreou muito bem.**

# “Soneto 980” de Nauro Machado

**Salomão Sousa**

Especial para o *Correio das Artes*

**D**evo ter uns três exemplares do livro *Nau de Urano* de Nauro Machado, publicado pela editora Siciliano com recursos do Governo do Maranhão. Sempre tropecei em montes de exemplares dessa obra abandonados em livrarias e feiras de livro, ofertados a preços irrisórios. Esse abandono de seus livros comprova que o autor não é popular. Impopular por trazer uma poesia construtiva, de temática nada explícita, arrancada de sua inconsciência, inconformidade e, sobretudo, do conflito do autor com a territorialidade em que esteve/estavam inseridos seus passos e seus bares.

Em que pese eu juntar um monte de exemplares de *Nau de Urano* em minha casa, eu também me limitava – uma vez ou outra – a ler um ou dois sonetos do livro. Só fui me despertar para a obra de Nauro Machado após a aquisição (também numa promoção, às bagatelas, agora em livraria virtual) do livro *O baldio som de Deus*, numa edição da pouco conhecida editora Contra Capa digna do autor e da poesia nele contida.

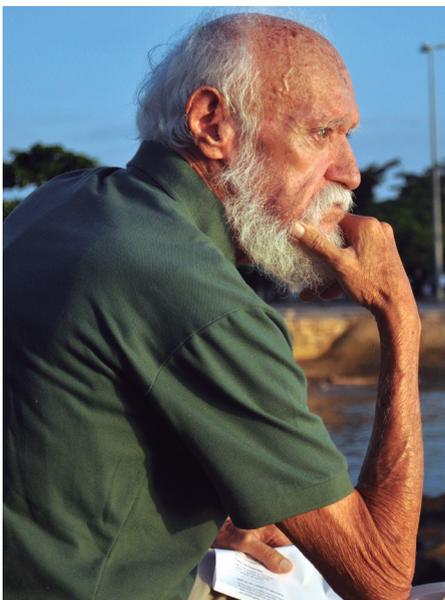
Por que alinhavo uma nota sobre esse poeta, se uma centena de trabalhos já o consagram? Basta consulta rápida na internet para encontrar os trabalhos

com perspectivas mais diversas em consagração de sua poesia. As minhas memórias de leitura sobre poesia talvez sejam inúteis, mas são meu ganha-pão emocional, regenerativo dos meus nervos. Através da escrita reflexiva experimento o ato histórico do poeta, podendo levar para meu trabalho a compreensão do ato criador de outro autor.

Ao estudar Nauro Machado, descobri que sua poesia é madura desde *Campo sem base*, de 1958, seu primeiro livro. O autor estava só com 23 anos e o livro incluía poemas que se tornariam clássicos da literatura maranhense. O poema “O parto”, que passaria a estar presente em várias antologias, é consagrador de um jovem autor e – reconheçamos – comvente para qualquer leitor. Ele publicaria mais de trinta livros ao longo de sua vida – carreira poética das mais produtivas do país, encerrada em 28 de dezembro de 2015, com a sua morte. Foram várias as antologias publicadas contemplando a sua obra, principalmente a incluída na série clássica da editora Global, com apresentação definitiva de Hildeberto Barbosa Filho.

A partir de certo momento de sua carreira literária, Nauro Machado decidiu numerar os sonetos que compôs numa imitação do processo de classificação das obras de música erudita. O livro *O baldio som de Deus* inclui os sonetos de números 977 a 1216, num total de 239. Tocou-me nesse livro o processo adotado por Nauro Machado para desconstruir as características do poema concreto e, ao mesmo tempo, quase zombar da forma fixa do soneto, que ele domina e nega e dela tripudie, sem nunca desgarrar das normas de composição. Quem desejar estudar a rima no universo da modernidade, terá de ter em mãos esse livro. A partição de palavras é usada para permitir a contagem de sílabas e para deixar uma sílaba interna útil para a rima com uma pala-

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



*Nauro Machado é considerado um dos poetas brasileiros mais fecundos e importantes de todos os tempos*



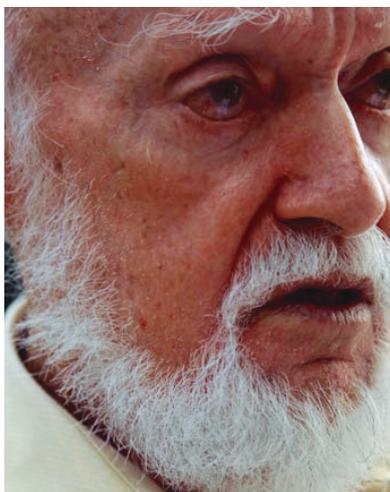
- › vra completa. No soneto 1075, por exemplo, as rimas são *potro/trô-pegal/casco/Pásco-a//outra/trazendo (...)*.

Após essa breve introdução, apresento o “Soneto 980”, destacando um pouco dos recursos criativos usados por Nauro Machado para compô-lo:

Nesse chão vegetal dando o conforto  
de uma plantação que não mais conforta,  
pelo plantio a só dar fruto torto  
na anatomia da água também torta,  
o ver de sempre é como um verde morto  
a nos mostrar por sua estéril horta  
que tudo engana no maldito porto  
dessa cidade a quem lhe abre a porta.  
Desesperado nome de lepra é esse  
da Ilha caída sem Deus ou deuses,  
para fazê-la de um sol que descesse  
para morrer ainda em mim muitas vezes,  
no tempo vindo para quem é desse  
verbo a escorrer dos lábios de Elêusis.

Trata-se de uma peça da série inicial dos sonetos do livro dedicada a São Luís – devendo lembrar que parte da cidade está encravada numa ilha –, por isso uma cidade circula na temática do poema, sendo tratada, em certos trechos, como Ilha. Sem contextualização, um poema não pode ser compreendido em sua total complexidade. A cidade, para ser instalada, substituiu a vegetação – e assim o poema constrói e retrata a cidade vivenciada pelo autor. Não consegui restituir o contexto histórico da palavra “lepra” que alcunha a cidade no poema, talvez alguma menção jocosa ao nome do rei que cedeu o nome para batizá-la ou, ainda, por ser a localidade de maior índice de hanseníase no Brasil.

Deixo uma última observação sobre a contextualização do poema. O verso que fecha com chave de ouro o poema – em que pese sua complexa perfeição – contém um enigma. Não existe um deus “Elêusis”, mas uma antiga cidade grega com esse nome, que hoje é um bairro de Atenas. Devendo ser considerado que, numa linguagem literal, cidade não tem “lábios”, mas o poeta pode aventurar-se (e assim deve prover o poema) a criar uma metáfora



**Nos perfeitos sonetos de Nauro, disfarçados de poemas modernos, esconde ou se expande um poema de total domínio da poesia das pós-vanguardas.**

atribuindo “lábios” a uma cidade. Em Nauro Machado, a expressão “lábios de Elêusis” guarda certos paralelos à localidade que está sendo abordada, de forma crítica, em sua peça literária. Há, então, uma paráfrase entre a cidade grega e a maranhense. Veja-se, não é um texto para quem não tem alto domínio do contexto geográfico e histórico de São Luís.

Portanto, Nauro Machado é um poeta complexo, que domina a construção e os diversos aspectos do tema abordado. Quanto às rimas, no citado soneto, ele faz inversão do masculino/feminino das palavras, talvez dentro dessa conotação de a cidade ser um nome feminino e ter uma nomeação masculina (São Luís). Além da riquíssima rima de *Elêusis* com *deuses/vezes*. Em Nauro Machado, as rimas, na quase totalidade, são muito mais que ricas, pois atrevidas.

Nunca julguei que fosse gostar tanto desse poeta! Nos seus perfeitos sonetos disfarçados de poemas modernos, esconde ou se expande um poema de total domínio da poesia das pós-vanguardas. Nesse Soneto 980, encontra-se um verso de total expansão da Poesia Concreta, com iluminações (OH): “o ver de sempre é como um verde morto”. Se é um “verde morto”, houve um vegetal retirado para incrustar a cidade. Uma metáfora incluída nesse soneto ainda merece observação para contextualização do tema: água também torta, talvez em referência aos meandros do mar que circunda a cidade. Mas, acima de tudo, algo da cidade que está em conflito com o autor, pois o poema é um *tour de force* entre autor e cidade. Assim, esse “ver de sempre”, na luta diária do autor com a cidade, tornou a localidade um “ver morto”, em razão do permanente conflito entre território e habitante. ✦

**Salomão Sousa** é poeta, nasceu em Silvânia (GO) e mora em Brasília. É jornalista e funcionário público do Ministério da Fazenda. Atualmente, pertence à diretoria da Associação Nacional de Escritores. É autor, entre outros livros, de *A moenda dos dias/O susto de viver* (1980) e *Ruínas ao sol* (2006). Editou o zine *Chuço por 19 números*. Mantém o blog: [www.safraquebrada.blogspot.com](http://www.safraquebrada.blogspot.com).



# Itabaiana,

## O PASSADO MANDA LEMBRANÇAS

**Vladimir Carvalho**

Especial para o *Correio das Artes*

**D**izem que o que fica para sempre na memória individual são os primeiros anos de vida vivida, o mundo fabuloso da infância, quando tudo é inocência e doces espantos, e ainda não temos a noção das angústias que assolam a existência adulta. Exemplo notável dessa experiência faz a grandeza de José Lins do Rego no seu *Meus verde anos*, transplantados de sua vivência no ambiente dos engenhos do seu avô, já na precoce maturidade dos seus cinquenta anos de idade.

É sob o influxo desse estado de espírito, mas também sob o peso de meus oitenta e três anos, quando a memória é uma vaga lembrança, que modestamente

escrevo essas linhas na tentativa de ordenar toda uma carga afetiva cheia de incríveis imagens, ora doces ora amargas, que me trazem de volta o meu tempo de menino no berço esplêndido que foi para mim Itabaiana, minha pátria menina. Primeiro me ocorreu, pensando nos nomes de suas ruas, praças, logradouros e arredores, compor um poema de exaltação, de puro amor e paixão, mas como não sou poeta - como o foi Zé da Luz, o grande vate conterrâneo - restrinjo-me a uma simples enumeração, o que já me deixa numa espécie de estado de graça tal a força lírica que ela me transmite. São vestígios do que já se foi, coisas que desaparecem sob a voragem do tempo que passa implacavelmente. Então, no lugar do poema faço uma “panorâmica” retroativa, como se estivesse filmando e passeasse de volta pela sua paisagem urbana e suburbana.

Lá vem resfolegante e envolta em vapores e fumaças a locomo- ▶

▶ tiva da Great Western levando, em 1944, os pracinhas que embarcariam no Recife para a guerra na Itália. Lembro-me de Rui Barbosa, não a “Águia de Haia”, mas um moço da terrinha mesmo, boêmio notório, exímio tocador de violão, entoando uma canção de despedida. A emoção e o choro eram inevitáveis, com as mães, irmãs, namoradas e noivas se esvaindo em lágrimas na plataforma da estação, enquanto o trem ia sumindo, lento, na triste curva. Para trás ficavam o Alto de Santa Rita, onde meu pai patrocinava apresentações de um Cavalo Marinho, à noite e à luz de carbureto; com figuras *tragicômicas* do bumba-meu-boi, num claro-escuro, que hoje me fazem lembrar da pintura de Goya; depois o Alto dos Currais, onde construí nossa primeira casa e onde eu tinha, para meu deleite infantil, um colorido “exército” de soldadinhos de chumbo. A rua do Triângulo (hoje avenida Rio Branco), era assim chamada por causa do entroncamento ferroviário bifurcado, com os seus trilhos, agora inúteis, cobertos pelo mata-pasto; a rua da Feira Velha, por trás da matriz, enobrecida pelo coreto trazido da Inglaterra, palco de animadas retretas tocadas pela banda municipal.

Na minha imaginação se fazem presentes também as ruas do povão, sem o pedantismo das placas com os nomes dos grandes do lugar; becos e vielas saborosamente apelidados pela malta e que contam a história miúda, mas não menos importante do que a rua dos poderosos: rua do Cochila, do Queixo de Cobra, da Maloca, da Lama, do Caldeirão, da Gameleira, do Carretel (zona do meretrício onde a rapaziada era iniciada sexualmente), cuja importância de seus bordéis mereceu destaque até no *Casa-grande & senzala*, do mestre Gilberto Freyre; a rua da Facada, dando conta da trágica crônica dos pobres; a rua da Palha, com seus ranchos para os cavalos em dia de feira, cheia de vaqueiros e tangerinos; a rua do Rio, olhando para o próprio Paraíba, às vezes seco até a última gota, estendendo-se em quilométrica língua de areia

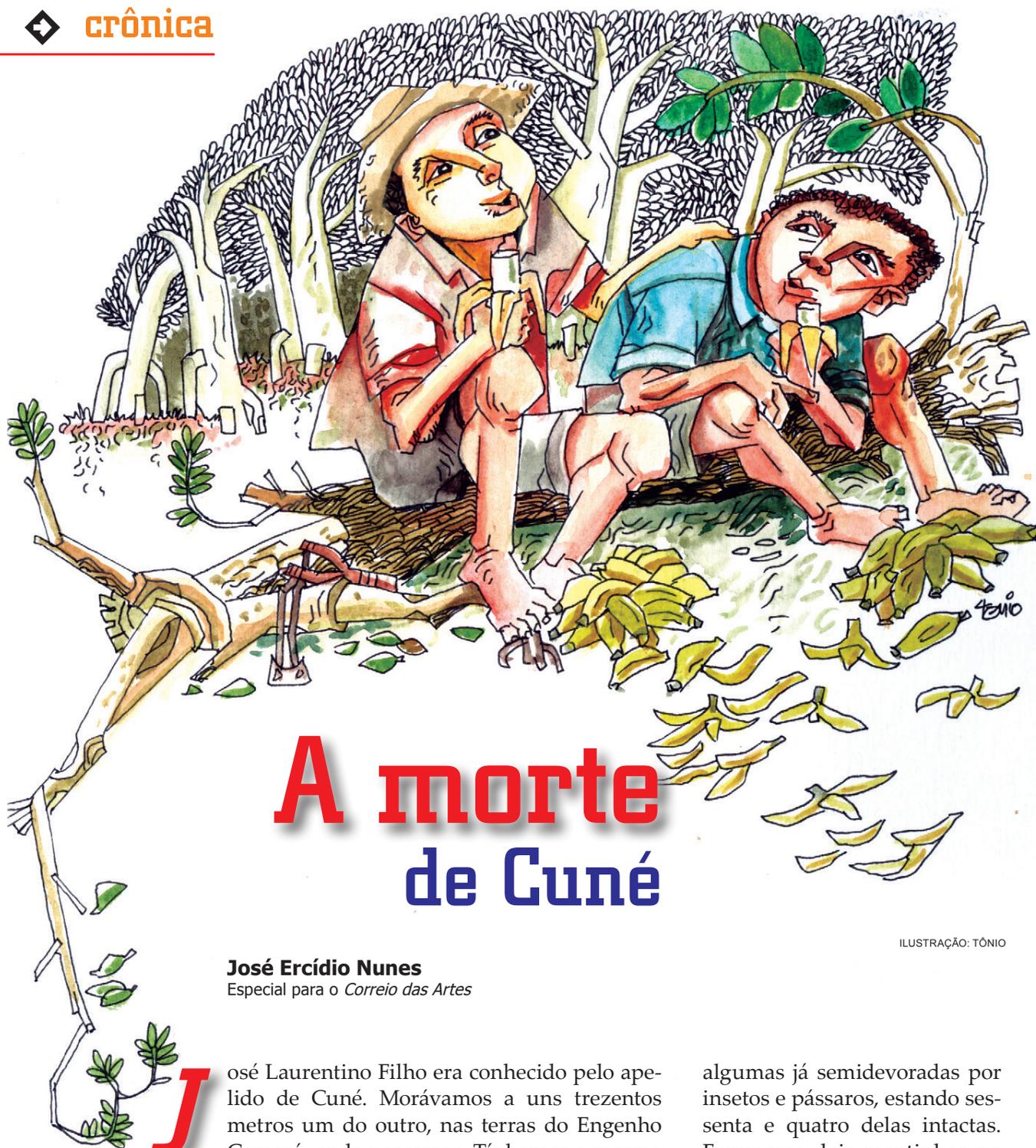
várzea afora. Vejo também o caminho para Campo Grande, distrito onde nasceu o gênio Sivuca, que vi menino na garupa de um cavalo e já carregando a sua concertina de oito baixos; e atravesso a ponte Cabeça de Negro, onde fui diversas vezes distrair minha solidão de adolescente; da Cruz do Deserto eu me lembro porque ali eu ia com minha gente pagar promessas; de Juripiranga (antigo distrito que agora é independente) também me lembro porque frequentava as suas casas de farinha noite adentro e suas colheitas de cumatí, uma frutinha em extinção. Eu acompanhava minha tia Severina (que orgulho eu tenho desse nome familiar que tanto lembra o grande poeta João Cabral!). Recordo Maracápe, no caminho para o Pilar de Zé Lins, uma beira de rio sob a regência de nossa professora Betinha Araújo, que nos levava a aprender geografia construindo “ilhas”, “cabos” e “continentes” na areia molhada, uma obra prima de pedagogia natural dessa mestra de gênio. A gente aprendia brincando e tomando banho de rio!

Não posso esquecer da praça da Indústria com seu “castelo” dos Borges (quase escrevia Bórgias), tão ricos e prepotentes, donos do curtume Santo Antônio ali perto, hoje uma ruína ou nem isso, transformado num simples terreno baldio. Desapareceu do cenário. Volto ao centro da cidade e ouço os clarins da banda da União de Artistas e Operários, de saudosos bailes, de retretas, carnavais e zé pereiras e me vejo aos nove anos cheirando, às escondidas e pela primeira vez, o éter inebriante dos lança-perfumes, enquanto meu pai rodopiava na dança com minha mãe no meio do salão. Fazíamos parte do bloco carnavalesco Taiobas, célebre na cidade, e eu ia fantasiado de inocente pierrô. Era na então chamada rua Grande – a “gran via” – do Fórum e da Prefeitura; e em frente desses, numa outra ocasião, ergueu-se no ano de 1944 uma pequena montanha de objetos e sucatas de peças de alumínio e de outros metais de uso caseiro e variado, nobres uns e outros nem tanto.

Toda a comunidade contribuiu atendendo aos apelos de uma campanha nacional pelo esforço de guerra. Nossa invicta Itabaiana não poderia ficar fora. O material angariado serviria para o fabrico de aviões de combate contra as tropas nazifascistas na Europa e o evento transformou-se numa festa cívica a que não faltou banda de música, hinos patrióticos e discursão. Era a nossa modesta contribuição à vitória final dos Aliados!

Muito mais poderia contar com essas imagens desse tempo que ficou fixado para sempre na tela de minhas recordações, mas um ponto final mesmo que provisório se impõe a essas notas para não sacrificar o espaço dos demais colaboradores ou abusar da paciência dos leitores. Entretanto devo dizer que não foi por puro saudosismo ou nostalgia que lancei mão dessas evocações que podem parecer fora de propósito, mas que se baseiam legitimamente na convicção de que um povo não existe sem história, mesmo aquela feita de pequenas narrativas de cunho pessoal, que trazem embutidas lembranças de fatos e acontecimentos que marcaram a vida de cada um e a da sua comunidade. Essa memória é imprescindível para forjar e retemperar o caráter e a identidade de qualquer sociedade que enfatize os seus valores culturais, façam eles parte do trabalho, do folclore, dos festejos e das celebrações de suas datas referenciais, como da sua arte, de sua música, do seu artesanato, de sua literatura de cordel, de suas danças, folguedos e demais manifestações livres do seu imaginário. Esse é o recado que o nosso passado histórico nos manda. Sem esses requisitos qualquer povo perderá a sua autoestima e andarà à deriva, sem rumo e sem ânimo para lutar por seus direitos! ✦

**Vladimir Carvalho** é cineasta e documentarista. Nasceu em Itabaiana, interior da Paraíba, e reside em Brasília (DF). Dirigiu, entre outros filmes, *A bolandeira* (1967), *O país de São Saruê* (1971), *O homem de areia* (1981), *Conterrâneos velhos de guerra* (1990), *Barra 68* (2000), *O engenho de Zé Lins* (2007) e *Rock Brasília - Era de Ouro* (2011).



# A morte de Cuné

**José Ercídio Nunes**  
Especial para o *Correio das Artes*

ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

**J**osé Laurentino Filho era conhecido pelo apelido de Cuné. Morávamos a uns trezentos metros um do outro, nas terras do Engenho Camará, onde nascemos. Tínhamos a mesma idade. Éramos amigos.

Quase todos os dias, armados com baleadeiras, saíamos juntos para caçar passarinhos, preás, coelhos, e, principalmente, para colher frutas – mangas, jacas, bananas, cajus, mamões, pitombas, laranjas, goiabas, sapotis, gogóias e outras – que eram encontradas em abundância na propriedade rural.

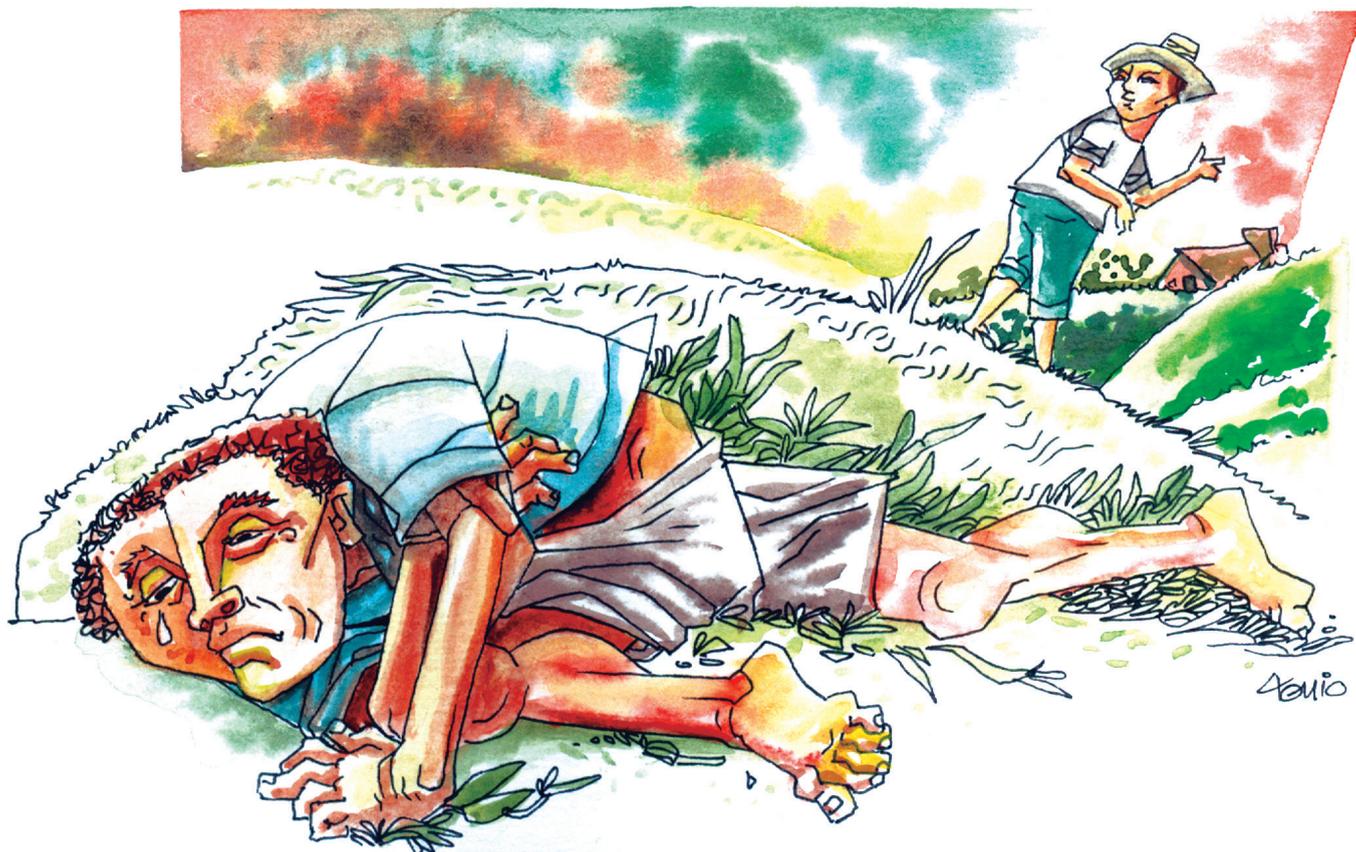
Os animais abatidos levávamos para casa, a fim de serem preparados – cozidos ou assados – e servidos como mistura. As frutas, geralmente eram consumidas nos locais em que as colhíamos.

Certa feita, tivemos a sorte de encontrar um cacho de bananas-maçãs bem madurinhas,

algumas já semidevoradas por insetos e pássaros, estando sessenta e quatro delas intactas. Formamos dois montinhos no chão e comemos todas. Trinta e duas, cada um.

Eu, segundo minha mãe, era arengueiro, mandão, impaciente. Cuné era de aspecto frágil, meio pálido, avesso a brigas, subserviente, nunca discordava das minhas orientações e cumpria as minhas ordens, sem contestação.

Éramos da idade de doze anos, mais ou menos, quando num dado momento, não me recordo por que razão, resolvi brigar com meu amigo, que



▶ se esquivou de meus ataques, afastando-se apressado, quase correndo. Nervoso, atirei-lhe uma pedra, atingindo-o na altura das costelas, do lado direito do corpo. Ele caiu, ficou deitado, choramingando. Deixei-o ali, recuperando-se do golpe, e fui embora sem lhe prestar socorro.

Menos de uma semana após ser agredido, Cuné acordou no meio da madrugada, sentindo uma dor insuportável do lado direito do corpo, na altura do abdome, sendo imediatamente levado para o hospital da cidade, onde faleceu horas mais tarde.

Ao saber do falecimento do meu amigo, fiquei muito preocupado, não só pela perda do companheiro, mas, principalmente, sentindo remorso por tê-lo agredido. Teria ele morrido em consequência da pedrada? Era eu assassino? A polícia iria me prender? Qual seria a reação de Seu José Laurentino, pai da vítima, homem por demais valente? E a sociedade, me condenaria por ter provocado a morte do meu amigo? Teria Cuné comentado com alguém sobre a agressão sofrida?

Apressei-me em ir ao velório. Precisava ouvir o que as pes-

soas estavam dizendo acerca da *causa mortis* de Cuné.

Ao ouvir Ivanise, irmã mais velha do morto, comentar que ele, minutos antes de ir dormir, por volta das 20h, tomara um copo de leite, adiantei-me e disse: - Então está explicado o motivo da morte! Eu estive com ele ontem à tardinha, comendo mangas. E manga com leite mata, não é? - Ante essa revelação, algumas pessoas olharam para mim e assentiram, meneando a cabeça.

A seguir, Manoel de Zeca disse ter visto Cuné tomando água de um coco que caíra do pé e fora encontrado dentro de uma poça de água quente, na beira do riacho, no início da tarde do dia anterior, fato que poderia ter provocado a morte.

Por fim, Dedé de Zé Borges chegou no velório e contou que na mesma tarde que antecedeu a tragédia, por volta do meio-dia, Cuné estava mexendo massa de mandioca no forno da Casa de Farinha, pingando de suor, e, ao sair para almoçar, deu um mergulho no riacho, cuja água estava muito fria, notícia que levou todos os presentes, inclusive os familiares do defunto, a exclamarem: - Ah, então Cuné "estoporou"!

Livre do remorso que já me atormentava e do temor de vir a sofrer as demais consequências, caso fosse culpado da morte do meu companheiro de caça e pesca, saí do velório correndo e, aos gritos, fui contando para todo mundo que Cuné tinha "estoporado".

Apesar do alívio, resultante da aceitação unânime por parte dos habitantes do Engenho Camará, de que a *causa mortis* de Cuné foi mesmo o "estoporamento", esse fato, havido há mais de cinquenta anos, ainda me incomoda. Quando, em férias, visito o meu torrão, toco no assunto só para me assegurar de que a versão não foi alterada.

Recentemente, narrei o fato para o Doutor João Batista, médico, companheiro dos encontros divinos, e ele disse-me que acha que a *causa mortis* foi apendicite. Gostei, pois a tese não me compromete. ❖

**José Ercídio Nunes** é advogado e escritor. Nasceu em Itambé (PE), em 1949, radicou-se em João Pessoa e, atualmente, reside em Brasília (DF).



ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO

# Três minutos

**Denise Emmer**

Especial para o *Correio das Artes*

**O** relógio marca 16h:57m. O que acontecerá daqui a cento e oitenta segundos? A respiração arfante e o meu coração a bater mais rápido, enquanto espero a hora exata do encontro. As folhas assombradas, a desprenderem-se das árvores e a correrem através da rua vazia. O tempo é uma história aberta. Estou tão longe, estou tão perto, e vagaroso será o movimento dos ponteiros do relógio. Tudo acontece nesses instantes eternos nos quais tento adiantar o momento. Três minutos. Quantas mortes e nascimentos ocorrerão? E quantos aviões cruzarão o espaço entre continentes? Há um imenso deserto a percorrer enquanto ajeito os meus cabelos que se desalinham com a brisa da tarde. Vejo-me no pequeno espelho do estojo de maquiagem. Minha boca está febril. Meus olhos refletem as marés e minha pupila é uma lua refratada. ▶

► Ainda é cedo para atravessar a avenida. Avanço poucos passos, a pretender, em vão, controlar a inquietação que me transtorna. Pessoas caminham em câmera lenta e os carros voam baixo. O mundo está assim, como se girasse em polos contrários. Um terceiro olho, qual uma janela semiaberta, me observa.

O encontro marcado não permite atrasos. Logo, o verei frente ao edifício palaciano da rua antiga do Centro da Cidade. Alto e solene. O rosto grave daqueles que carregam uma alma a explodir em pensamentos terríveis. Ele fará comigo o mesmo de sempre e, eu, não o deterei em minha tola passividade. Por vezes, penso em fugir para nunca mais o enfrentar, mas o amor é um deus nefário. Faz-nos crer no adorável inferno com promessas de lagoas mansas, de desfrutes inefáveis. Uma balada do Sting toca no rádio - trilha sonora do furtivo encontro - enquanto os ponteiros do relógio correm contínuos, impassíveis.

O andamento dos segundos é um adágio religioso, com fermatas longas de espera. O tempo. O tempo não é inalterável, mas uma grandeza relativa. Altera-se conforme os códigos do coração e do espírito. Destruo, pois, as leis da física que me aprisionam na espera sem fim de três minutos. Apenas três. Tão longos, tão densos, que me deixo enlevar pela arquitetura escura das nuvens de tempestade que se formam além dos edifícios.

Eu tenho muitos caminhos, mas uma só percepção. Poderei retornar à casa. Para o aroma de tempero e pão torrado. A fumaça do leite quente. O filho diante do computador e o marido a chegar do trabalho. Tudo sereno e pronto. O edredom branco sobre a cama, os porta-retratos da família enfileirados e sem poeira. As baladas de James Taylor a sugerirem colinas e crianças sob o sol de sítios serranos. O ronronar de gatos mansos.

O outro, o exílio de mim mesma em uma atraente aventura. A difícil trilha lendária ao cume da África. Miragem de um sonho extremo. Será esse um refúgio do pensamen-

to perdido, envolto em dúvidas, culpas, pecados?

Decido-me ao mais espinhoso. Escolho o portão aberto e o cão feroz a me perseguir com seus caninos afiados. Opto pelo vampiro. A fera com caraça de felino e corpo de homem. Largas escápulas e longos braços, cobertos por um capote de pedras, que o tornam mais longínquo e grave. Permito-me mais alguns passos na direção da rua do encontro. Ainda não o avisto. Deveras. Está cedo. O tempo não passa. O tempo-não-passa. Os transeuntes estão temporariamente imóveis com seus membros paralisados, enquanto os veículos empacaram sobre as avenidas. Eu, acuada, não consigo mover-me, como se vivesse um pesadelo no fundo de um lago congelado. Contudo, liberto-me e respiro a luz da tarde que já se adianta crepúsculo. Dois minutos se passaram, vagarosos, como assim deve passar o tempo dos velhos solitários nos asilos.



**Poderei retornar à casa. Para o aroma de tempero e pão torrado. A fumaça do leite quente. O filho diante do computador e o marido a chegar do trabalho.**

Sessenta segundos. O tempo que levarei para cruzar as pequenas quadras até o edifício palaciano. Uma forte ventania desarruma os prédios e as árvores, bem como, o meu vestido, que bate as asas. Por fim, aterrisso. Ele se aproxima de mim, as passadas lentas e pesadas. Em uma das mãos traz um livro de capa escura, e na outra um cigarro aceso. Os cabelos grisalhos caem-lhe à testa, a barba o envolve. Suas pisadas estremecem a calçada e afugentam os gatos pretos. Recosto-me a um poste encardido a ver se ele me enxerga, mas eis que desvia o olhar a esmo, ou talvez para dentro de si. As folhas secas se afastam para deixa-lo passar, como humildes súditas. Mantenho firme o olhar, mas internamente me retraio de medo. Poucos segundos, e já pressinto o seu cheiro de uísque com sensual perfume. Hoje, ele vestiu uma cara de animal predador. Um felino arisco de vasta juba e corpo de homem a trajar uma roupa pesada, que alonga ainda mais as suas longas pernas magras. O vento chicoteia uma rápida rajada e ele chega à minha frente. Nada fala. Nada vê. Apenas me puxa para dentro de seu hálito e me beija longamente, em meio aos carros e transeuntes. Um beijo sem fim que parece durar a eternidade. Ainda, o tempo. O tempo de um beijo eterno pode ser o começo de minha morte, bem sei. Mas, entrego-me ao imponderável.

Abraça-me quase a quebrar-me os ossos e leva-me para uma dança macabra em meio aos charizes. Bailamos entre as fontes que brotam dos canteiros, esguichos de águas azuladas, mágicos arco-íris. Eu o sigo. Nossas pernas se entrelaçam ao ritmo da música imaginária, enquanto a cauda de sua casaca balança em sincronia com a longa saia de meu vestido. Somos um corpo. O meu, magro e franzino. O dele, uma grande fera da noite. Giramos ao som do silêncio. Não há sussurros, tampouco ternos dizeres aos segredos da orelha. Apenas o movimento da respiração do mundo. O ritmo acelerado dos tsunamis a penetrar o fundo de minhas águas quentes. ►



► Ele, por fim, acende os olhos em duas chamas de sangue e crava, em minha carne branca, as suas garras afiadas. Sangro e adormeço por instantes.

Eis a sua forma de amar. Eu o aceito selvagem e digo que o amo. Sem pudores. Entrego-me em longas eloquências de amor, falo poemas sobre casas em astros. Revelo raras visões de harpias em florestas suspensas. Pergunto por seus sonhos, suas planícies de floradas. E, assim, confesso que estou feliz. Qual imensa felicidade esta, a da morada da paixão!

Quando antes nada me via, nada me ofertava, ao descobrir minha sorte de breves alegrias, ele estoura os meus balões de gás e vocífera contra o meu sucesso. Rosna palavras impróprias em alto som. Chuta as mesas da noite, atira os copos contra portões, abre a bocarra e expõe ameaçadoramente suas presas. As aves assustadas voam para os tetos de altitude, enquanto ele ruga para mim, qual uma besta tresloucada a transbordar ódio e uísque.

Com a alma em cacos de vidro, digo-lhe que vou partir e

não mais voltar. Cabe-me a decisão. Caminho então na direção do nada, sem me deter nem ao tempo, nem ao espaço. Ele me caça. Puxa uma palavra da noite e multiplica em odes. É o delírio. Ele não mora em meus braços, tampouco, em minha amável sujeição. Não lhe pertencço, somente em seus momentos de fúria. Serrei eu o seu arrote, a sua ira sem causa de seu espírito em sombra. Eu bem sei o que sou. A fêmea do par de coxas macias. Certa feita, sugeri-lhe a levar consigo minhas pernas. Deixasse comigo minha alma, minha cabeça, meus seios, meus braços, minhas mãos e meus pensamentos.

Mas, sua epopeia fala de si, de suas tempestades. Há uma grande beleza no discurso de sua inconsciência que, trágico, arrebat

os mares longínquos, quando as janelas dos prédios se acendem abismadas.

Afasto-me lentamente para que ele não me perceba e me queira plateia. Sento-me no banco de ferro da praça e me deixo ficar. Exausta. Vazia. Não tenho caminhos, nem estrelas do norte, nem portas para abrir, nem palavras para lhe dizer. O que ele me fala, é o silêncio que já ouço desde muito, ou suas incompreensíveis explosões sobre o meu ego bombardeado.

O tempo agora é um aliado a dizer-me que não tenho tempo. E que devo correr e fugir no seu compasso natural, que é o movimento dos planetas e dos rios. E, partir. Partir. Agora, tudo é veloz. Corro através das ruas escuras noturnas, na pressa dos fugitivos. Salto portões com a destreza de um alce. As horas céleres me empurram para minha casa, onde o mundo continuará sereno.

Ouçço agora, vozes. Risos, gírias, diálogos de um dialeto particular. Meu filho frente ao computador, joga games com amigos virtuais.

Penteio os cabelos em desalinho e apumo os livros tortos da estante. Retiro o excesso de batom, desço dos sapatos. O cotidiano é uma maçã púrpura no centro de um prato simétrico.

O sol brilha e a tarde resplandece, enquanto as janelas emolduram o céu azulado. Da cozinha, o cheiro de pão torrado com café aromatiza o ambiente com leveza. Viro a página da revista. Prossigo a leitura, enquanto escuto o girar das chaves na fechadura da porta. A luz adentra a sala, e eu o abraço na amplitude amorosa do espectro.

O relógio antigo canta os seus segundos em pulsações constantes. Os ponteiros marcam a hora certa.

16h:57m. ✖

**Denise Emmer** é poeta e musicista (violoncelo), autora de dezoito livros, dos quais quinze de poesia e três romances. Sua mais recente coletânea poética, *Discursos para desertos*, foi publicada, este ano, pela Escrituras Editora. Ganhou importantes prêmios literários, tais como Prêmio ABL de Poesia (Academia Brasileira de Letras) e Prêmio Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA). Participou de antologias da poesia brasileira, bem como das revistas *Califórnia College of the at Eleven Eleven* (EUA), *Newspaper Surreal Poets* (EUA) e *Metin Cengiz* (Turquia). Compositora, com vários CDs gravados, também integra, como violoncelista, orquestras e grupos de câmara. Mora no Rio de Janeiro (RJ).



# Morro da Mutuma

Willy Nascimento Silva  
Especial para o *Correio das Artes*

**A** noite que descia pelos becos do topo ao pé do Morro da Mutuma trouxe consigo um choro alto e estridente. É menino! Um risoterno com ar de tristeza deformava a boca da mãe, ainda ofegante do esforço que empregara no parto. Segurando o filho nos braços, a mulher meditava, buscando adivinhar o futuro do seu erê. Quantos açoites haveriam de fustigar aquele espírito? Sentiu um desejo irracional de abraçá-lo com o ventre, onde estaria protegido da maldade dos homens... A parteira saiu para dar a notícia aos vizinhos que aguardavam curiosos. Nasceu com saúde! Filho da noite! Preto que nem a

mãe! Riram todos gostosamente, enquanto se apertavam dentro do barraco, dando início à comemoração; os mais íntimos se enfileirando para entrar no quarto.

A festa já se espalhava por quase toda a senzala, quando um disparo seco ribombou, cessando o batuque. Uma mulher alta, de vestido pomposo e coque no cabelo louro, soltou o revólver no chão e saiu correndo. Palavras confusas cortavam seu choro. Outro bastardinho, não! Alguns ainda tentaram contê-la, mas tremiam ante a alvura daquela pele. Desistindo da investida contra a criminosa, voltaram para o barraco. O projétil abriu um buraco ▶

▶ na parede de madeira, a alguns centímetros da criança, que dormia quietamente no colo da mãe. O alívio preencheu o quarto num suspiro coletivo. O cão tem a mira ruim! Com o filho nos braços, a mulher se inclinou com dificuldade, cerrou um dos olhos e espiou pela fresta ainda quente...

Quanta saúde! O menino se divertia correndo pelo quintal, ignorando as ordens da dona da casa. A mãe pedia mil perdões. Desculpa, dona... Vou mandar ele ir na venda pra senhora. Um fardo de lençóis pesava nas costas da negra, mas era uma pluma comparado ao olhar que a dona lhe dirigia. Entre risos, a criança deu a volta no casarão e se chegou à mãe, que lhe atribuiu a tarefa com um gesto de censura. Ele baixou o queixo tristemente, guardou o papel no bolso e se danou pela estrada de terra. A venda ficava muito distante de onde moravam, mas o menino conhecia atalhos que lhe encurtavam o caminho e transformavam o trabalho numa aventura. Trazia gravadas na memória todas as trilhas, árvores e pedras que brotavam no Morro da Mutuma. Chegou à venda, entregou o papel ao dono, equilibrou as compras em duas sacolas grandes e se embrenhou pelo mato novamente.

Depois de caminhar por alguns minutos, um gemido abafado penetrou sua alma. Não devia se demorar... Contudo, os atalhos compensariam o tempo de um possível desvio. Começou a seguir o ruído, que se intensificava cada vez mais. Eram gritos reprimidos misturados a risadas. Escondido numa moita, o menino viu quatro homens de pé em torno de um quinto, ajoelhado no chão com braços e pernas atados por cordas. Fez esforço para ouvir o que falavam. Como os outros fugiram? Fala, preto safado! Mas o homem no centro do círculo só conseguia soluçar. Fala agora ou vai morrer! Os quatro inquiridores tinham olhar cruel e sorriso sádico. Por onde fugiram? Sem obter resposta, um dos homens empurrou o revólver na cabeça do negro e atirou. Aterrorizado, o menino se deitou no chão, de onde só conseguia

ver botas sujas de sangue. Esperou que fossem todos embora e voltou correndo para casa. Não conseguiu dormir naquela noite. Abraçado à mãe, via, entre pestanejos, um círculo de homens ao redor da cama, sem rostos, apenas uma sombra perversa em forma de sorriso no lugar das bocas. A lembrança da execução continuou assombrando o menino por anos. Já adolescente, tremia ao ouvir a percussão de botas no assoalho do casarão. O dono recebia muitos pares de botas em casa, e todos os que as calçavam vestiam uma indumentária de caça, equipados por armas, chicotes e cassetetes; trajes que seguiam determinado padrão. Eram tratados por nomes que não pareciam ser seus nomes de verdade e o dono costumava se dirigir a apenas um deles, como capitão; não de maneira respeitosa, mas como se lhe fosse insignificante a pessoa metida nas botas. Ouvira falar que alguns daqueles homens já haviam morado no Morro da Mutuma e, por isso, o conheciam tão bem.

Certa manhã, no meio de suas aventuras, o jovem se desafiou a subir o morro até o topo. Apresou-se em terminar suas tarefas diárias e, no meio da tarde, deu início à subida. A cada passo que dava na direção do pico, o morro ia ficando mais íngreme. Já se desfazia em suor quando, finalmente, chegou ao fim da escalada. Subitamente suas pernas começaram a tremer de fraqueza e pavor. Havia no alto do morro um casebre medonho, tomado de manchas de lodo e rodeado de arames farpados. Parecia inabitado há anos. Insuflado pela curiosidade, abriu uma brecha na cerca e invadiu o lugar. Assim que entrou, dois homens o puxaram e o jogaram no centro da cabana. Quando ergueu os olhos deparou-se com um enxame de homens. Seus olhos eram amarelos, os corpos negros e musculosos, e todos traziam nos pescoços grossas correntes de ferro. Encararam-no por um bom tempo... De repente, um deles colocou um embrulho na mão do jovem e ordenou que o entregasse a um capitão amigo, que esperava no pé do morro. Não teve

ânimo para contestar a missão. Já que sou menino de recado da dona... Antes de sair, outro homem lhe entregou uma pequena quantia em dinheiro. Parte da recompensa. O resto tu recebe se der tudo certo! Levantou e se danou a descer o morro – o coração saindo pela boca; os olhos amarelos o vigiando.

Depois de uma longa descida, o jovem já começava a ver o pé do morro. O sangue de todo o corpo tornara à temperatura normal. Por um momento, esquecera do perigo por que estava passando, e já começava a tecer planos com o dinheiro da recompensa. Talvez compre roupas novas, que nem a que a gente da cidade usa... Entretanto, teve os pensamentos interrompidos por um forte golpe nas pernas. Quatro espectros emergiram de um dos becos da Mutuma. Instintivamente foi acometido pela lembrança do assassinato que testemunhara quando criança. Não recordava as feições dos monstros que habitavam seus pesadelos, mas as botas são sempre as mesmas, não importa quem as calce. Com o rosto no chão, sentiu as infinitas mãos o revistarem e descobrirem o pacote. Sentiu os cassetetes e chicotes lhe rasgarem a carne. Sentiu um olhar triste observando tudo de uma fresta. Sentiu as botas atropelarem seu espírito e a escuridão lhe tomar a vista. O navio negreiro saiu uivando pelas avenidas, sacudindo seu corpo desfalecido no porão. Quando tornou a si, estava no alto do morro – uma grossa corrente contornava seu pescoço.

Não demorou até querer visitar a mãe na casa da dona. Era arriscado descer o morro de dia, mas a saudade era uma lâmina aguda enterrada no peito. Deu a volta na casa silenciosamente e, quando chegou ao quintal, achou outra negra a estender os lençóis. Um frio congelou sua espinha. Buscou reconhecer algum traço de familiaridade no casarão. Era esse mesmo! Da varanda uma mulher dava ordens, mas não era a dona que ele conhecia. Eram outros os donos do casarão. Desorientado, fez menção de se ir quando seus olhos encontraram uma jovem a ▶

► Ihe observar da janela. Ela tinha um corpo delgado, escondido num vestido muito elegante. Os seios eram redondos e os quadris volumosos. O rosto encantador trazia olhos profundos e inquietantes. Ela o contemplava com curiosidade. O lábio entreaberto deixava escapar um ar de admiração. Estavam ambos entorpecidos pela presença um do outro. Ele, com os olhos em lágrimas, esboçou um meio sorriso. Ela baixou o olhar e num átimo tornou a encará-lo com um sorriso encabulado. Aquele encontro seria o primeiro de muitos entre os dois, dando início a uma nova rotina em suas vidas. Toda vez que descia o morro, ele colhia girassóis para presentear-lá. Grandes girassóis que se escondiam na mata da Mutuma. Girassóis amarelos como seus olhos e belos como o sorriso da filha do novo dono do casarão. Criaram um código secreto, imitando o canto dos pássaros. Quando o sol se cobria na terra, o assobio solitário do assum convidava sua amada a deixar o ninho e voar abaixo do poente – as asas tingidas de laranja...

Havia chegado, enfim, o dia de Cosme e Damião. Naquela tarde, a jovem não respondeu ao chamado do pássaro, que continuou a insistir até o céu estar já completamente negro. A janela que se abria no meio do quarto do canto, no primeiro andar, ascendeu, devolvendo o ânimo do rapaz escondido nos arbustos do quintal. Ela abriu a cortina afobada, tentando alertá-lo da presença do pai e de dois capitães no entorno da casa. A noite que descia pelos becos trouxe consigo um grito alto e estridente. Não, pai! Ainda ofegante do esforço que empregara no parto, a mãe segurava o filho nos braços meditativa, buscando adivinhar a trajetória do projétil. Levantou-se a muito custo e se colocou alguns centímetros à esquerda de onde estava. A festa já se espalhava por quase toda a favela, quando um estampido irrompeu no batuque. Uma mulher branca, de coque pomposo no cabelo, soltou o revólver no chão e saiu correndo. Dentro do barraco mãe e filho estavam caídos. Um im-



pulso derradeiro fez a mulher levantar a criança, descolando-a do peito, e espiar pelo buraco que atravessara aquele pequenino corpo. Nada viu. Não viu o trabalho desumano, os pesadelos, as correntes, nem as botas, apenas seu erê brincando nas nuvens e rindo um riso que só os inocentes têm. ✦

*(O conto de Willy Nascimento está sendo republicado devido a um erro ocorrido no processo de edição, em novembro, quando parte do texto supostamente foi cortada na transcrição do PDF para o In-Design. O Editor pede desculpas ao autor e aos leitores.)*

**Willy Nascimento Silva** estreou como contista com "Uma noite de quinta-feira". "Morro da Mutuma" é o seu segundo conto. O escritor tem graduação em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e dedica as horas vagas à leitura e à música. Sobre a natureza do homem (e outros poemas) é o seu primeiro livro. Mora em Campina Grande (PB).



TEATRO ÍRACLES BROCOS PIRES  
ICA

TEATRO ÍRACLES PIRES  
(ICA)

# TEATRO ÍRACLES PIRES

O GRANDE PALCO CULTURAL DE CAJAZEIRAS ESTÁ DE VOLTA

GOVERNO DO ESTADO INVESTE 5 MILHÕES  
EM REFORMA E AMPLIAÇÃO DO ICA



**A UNIÃO**  
Superintendência de Imprensa e Editora

125  
Anos

# Faça parte do Sesc!



## Comerciário

- Comprovante de Residência
- Carteira de Trabalho
- RG e CPF
- PIS/PASEP
- Foto 3x4
- Cópia da GRF e GPS

## Dependente

- CTPS do Comerciário
- RG
- CPF (obrigatório a partir de 12 anos)
- Foto 3x4
- Certidão de Nascimento (Até 21 anos)
- Certidão de Casamento (Cônjuge)

## Conveniado

- Comprovante de Residência
- Declaração do Convênio
- RG e CPF
- Foto 3x4

## Usuário

- Comprovante de Residência
- RG e CPF
- Foto 3x4

VOCÊ SABIA QUE O **SESC** É UM DOS MAIORES PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL **DO MUNDO?**